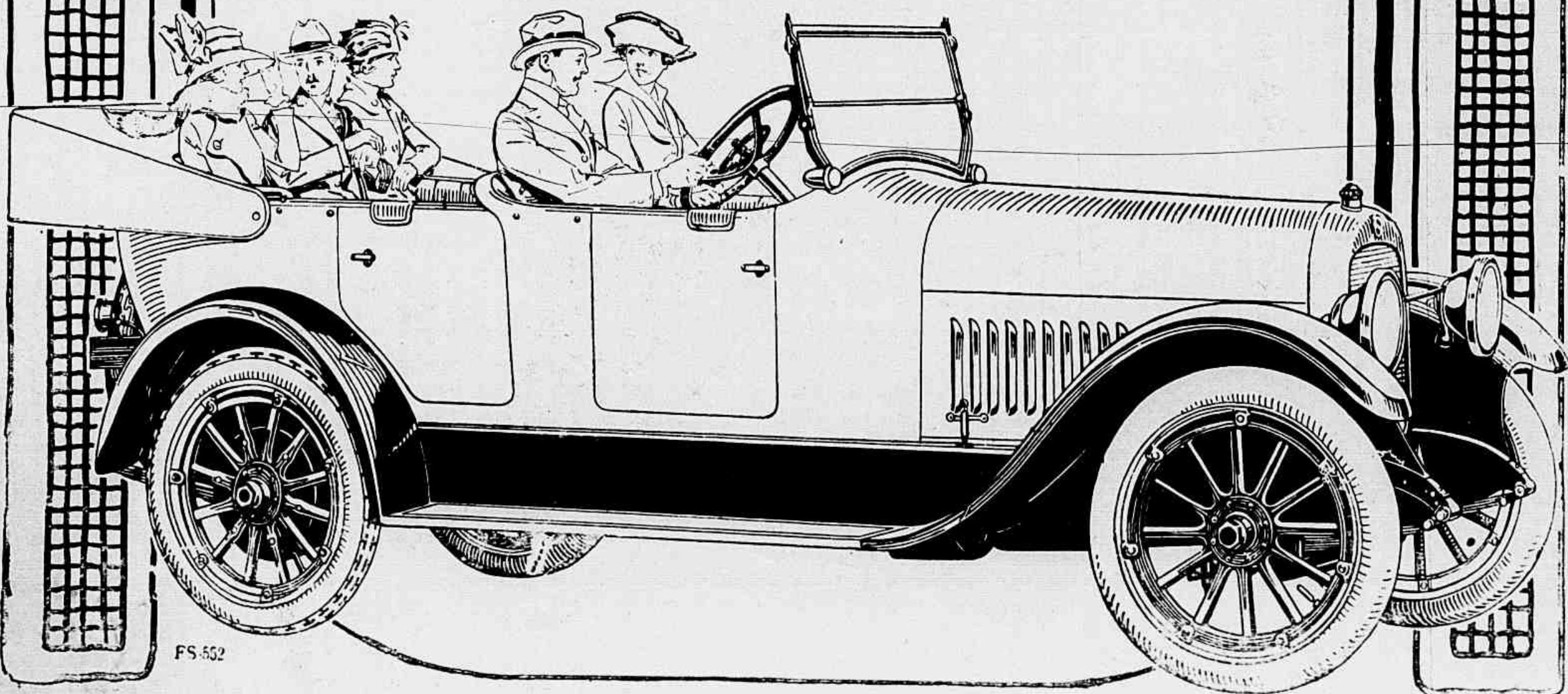
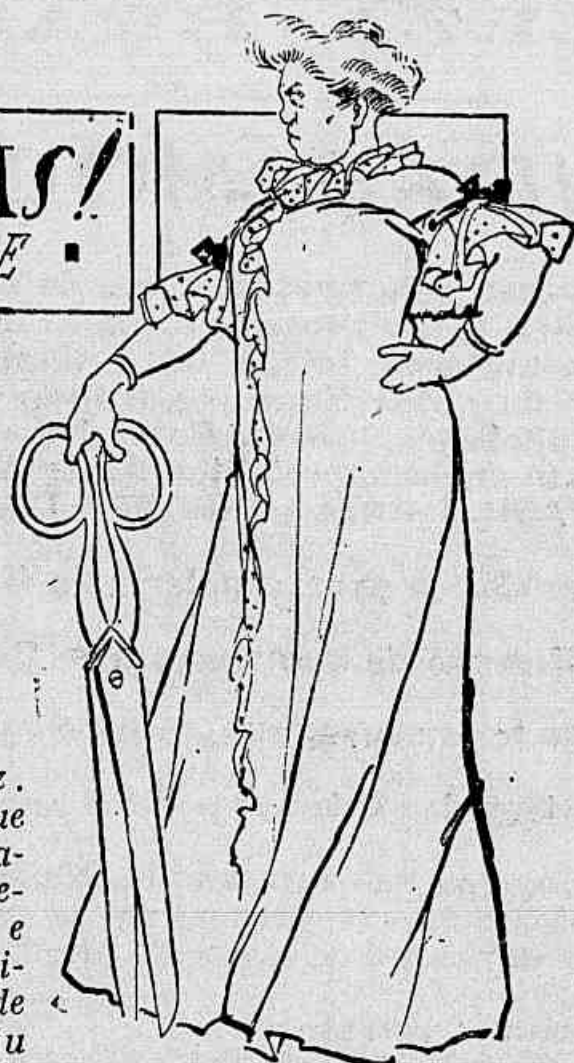
Revista da Semana

Anno XXII - Nº 6 •
5 de Fevereiro de 1921

Preço para todo o Brasil
1$000 réis.

FABIAN
RIO

Studebaker
Frequentemente repetimos com intima satisfação que o nome STUDEBAKER significa, desde ha quasi 70 annos, alta qualidade na mais ampla expressão da palavra.
Nunca é demais, porem, apoiar as nossas affirmações n'uma testemunha eminente e insuspeita, e ninguem com maior auctoridade do que o famoso Marechal Lord Roberts que, em informe official ao Parlamento Britannico, referindo-se á guerra Anglo-Boer, onde o problema dos transportes foi o mais importante, disse:
«OS CARROS QUE IMPORTAMOS DOS ESTADOS UNIDOS RESULTAM SUPERIORES A QUAESQUER OUTROS TANTO DE MANUFACTURA INGLESA COMO DE OUTRAS PROCEDENCIAS.
«FORAM CONSTRUIDOS PELA GRANDE FABRICA DE VEHICULOS "STUDEBAKER" DE SOUTH BEND INDIANA».
STUDEBAKER DO BRASIL, S. A.
Av. Rio Branco 180
TELEPH. 5497 CENTRAL

MAS QUE BARBAS!

conto de Robert FRANCHEVILLE

— Digo-te, Jacintho, que as tuas barbas são escandalosas.

— Deixa-as ser, Estephania.

— Enches-nos, a ambos, de ridiculo, com essas barbas.

— E tu a dares-lhe!

— Com ellas, estragas o effeito das minhas melhores toilettes. Perto dellas, desappareço, deixo de existir. Essas malditas barbas irritam-me, fatigam-me, suffocam-me...

— Admira, uma vez que quem as usa sou eu só.

— Declaro-te que não saio mais na tua companhia.

— Paciencia. Prefiro as minhas barbas.

— Estou farta de ver gente voltar-se na rua e exclamar com assombro: «Mas que barbas!»

— A mim, não me causa isso a menor impressão.

— Talvez. Mas se julgas que é muito agradavel, para uma senhora modesta e reservada, partilhar do exito de hilaridade que tu alcanças, quando entras numa plateia ou num restaurante, com essas barbas todas!

— Quer dizer que me tornei uma physionomia bem parisiense.

— Mas toda a gente faz caçoada de ti. Decididamente, umas barbas como essas devem constituir um caso de divorcio. Além disso, perturbam a ordem publica e impedem a circulação, alarmando as multidões á tua passagem.

— Estephania, não exageres. E' verdade que eu possuo umas barbas abundantes, fluviaes, largas como o Garonna, sinuosas como o Sena e negras como o Styx... Nunca, porém, notei que ellas causassem o alarme que tu dizes. E sabes que mais, Estephania? Deixa-me em paz.

— Repito-te, Jacintho, que as tuas barbas são apontadas a dedo.

— Pelos que as admiram.

— Chamam-te o «homem-natureza», o «pithecanthropo...»

— Invejosos!

— Em summa: Quando te resolverás a mandal-as cortar?

— Quê! Mandar cortar as minhas barbas? Queres que eu sacrifique as minhas barbas aos dichotes dalguns imbecis? Que espirito mesquinho o teu! Pobre mulher!

— Achas-te então bonito, assim?

— Francamente, Estephania, acho.

— Jacintho, manda-as aparar, ao menos.

— Mais tarde, talvez... Mais tarde, quando ellas me chegarem aos pés. Por emquanto, pouco me passam da cintura... E depois, bolas! Ellas são minhas, só minhas. Não fazem parte dos bens do casal. Adquiri-as honestamente, pertencem-me de legitimo direito. Mette-te com a tua vida e deixa o resto! Bolas!

* * *

Este dialogo conjugal com pequenas variantes se repetia todos os dias, desde que o sr. Jacintho

Philardon resolvera deixar crescer a barba... para passar o tempo.

Funccionario do Ministerio do Trabalho e possuindo, além disso, algumas rendas que lhe permittiam fazer boa

BELLEZA BRASILEIRA

AS MAIS LINDAS MOÇAS DO BRASIL

A REVISTA DA SEMANA propõe-se a divulgar pela photographia os diversos typos de belleza de cada Estado e região. No territorio immenso do Brasil, a formosura feminina é multiforme como a flora. Reunir as varias representações da belleza da Brasileira, desde a morena do Norte até os exemplares loiros do extremo Sul, será prestar a mais eloquente homenagem á Mulher, documentando as qualidades superiores da nossa Raça, mostrando o Brasil no seu aspecto humano mais esthetico. Este emprehendimento, para que convidamos todos os photographos da Capital e dos Estados, terá um duplo objectivo de arte e de patriotismo. Que de cada povoação do Brasil nos sejam enviados retratos das moças consideradas as mais lindas; que cada municipio se faça representar neste certame da **BELLEZA BRASILEIRA**, e a **REVISTA DA SEMANA** archivará nas suas paginas essa documentação, como um hymno de louvor á nossa Raça.

A publicação dos retratos que nos forem enviados para a galeria da **BELLEZA BRASILEIRA** será cercada do respeito e da reverencia devidos á Mulher.

Para que essa galeria não perca a sua significação de homenagem á Belleza, devemos especificar as condições a que devem obedecer as remessas de retratos.

— Os retratos deverão representar typos de formosura, quanto possivel os exemplares mais representativos da belleza feminina regional.

— Cada photographo profissional das capitaes dos Estados poderá enviar até 10 retratos; cada photographo profissional das outras cidades e villas até 3 retratos cada um.

— Os photographos amadores poderão concorrer nas mesmas condições para a galeria da **BELLEZA BRASILEIRA**.

— De preferencia, os retratos serão de busto, e só excepcionalmente de corpo inteiro.

— Cada retrato deve ser acompanhado do nome ou iniciaes do modelo, e da designação do Estado, Cidade ou Villa de residencia.

— O nome do photographo será publicado com o retrato.

— Não serão incluidos na galeria da **BELLEZA BRASILEIRA** quaesquer retratos sem a garantia de honesta procedencia, pois ella deverá ser, ao mesmo tempo, a galeria da Virtude e da Formosura.

figura na sociedade, parecia ter tudo para ser feliz : boa saude, esposa dedicada, lar tranquillo e a estima dos seus chefes.

Faltava-lhe, porém, não sei que... um não sei que indispensavel para dar sabor á existencia. Jacintho não amava as artes, nem as letras, nem os desportes, nem o alcool. Não era jogador nem preguiçoso, nem vadio, nem janota, nem lambareiro. Não se mettia em politica, não cultivava o menor vicio e não dormia na repartição. Em summa, aborrecia-se, porque não sabia que fazer e não tinha vontade de nada, de nada !

Assim, durante annos elle tinha dado tratos á bola para descobrir em si uma necessidade, um gosto, qualquer tendencia ou aspiração. E durante annos permanecera numa irremeavel ociosidade, acabrunhado pelo tamanho immenso dos dias e pelo pensamento de que a cada um desses dias se seguiria outro, egualmente vasio, estupido, interminavel. Até que, uma bella manhã, disse com os seus botões :

— Não, co'a breca ! E' preciso que eu arranje uma distracção, um passatempo capaz de me interessar. Todos os meus collegas fazem qualquer coisa: andam de bicycleta ou tiram photographias, vão á caça ou á pesca, jogam a manilha ou o dominó, colleccionam sellos ou caixas de phosphoros... Só eu não tenho um ideal na vida ; vegeto para aqui, como um cogumello ! Pois bem : de hoje em diante, quero que a minha vida tenha um objecto, uma razão de ser e neste mesmo momento tomo solemnemente a resolução de me interessar por alguma coisa... Sim, mas... que ha de ser ?

Passou em revista as diversas categorias de distracções capazes de abalar a sua apathia e vencer o seu tedio. Nada lhe sorria — nem a graphologia, nem a pyrogravura, nem a marcenaria nem o espiritismo. E em desespero de causa imaginou, como supremo recurso, deixar crescer a barba.

Era inoffensivo, pouco dispendioso e nada fatigante. A principio, realmente, aquillo não lhe provocava um enthusiasmo por ahi além... Depois, pouco a pouco, foi-se interessando pelos progressos que as barbas faziam ; passou a examinal-as, com olhos enternecidos ; graças a ellas, conheceu as alegrias e vaidades paternaes ; e chegou por fim a amal-as como um thesouro seu, a sua obra, a extensão de si proprio !

Desde então, não mais se aborreceu : tinha um fim na vida.

* * *

Cumpre dizer que essas barbas cresceram com um ardor e uma exuberancia absolutamente excepcionaes. Era um triumpho ! Todas as barbas da Historia, desde a do Judeu Errante até a do esculptor Rodin—passando pelas de Hippocratas, Socrates, Esopo, Carlos Magno, Calvino, Vasco da Gama, Guttemberg, S. Francisco de Salles, Affonso de Albuquerque, Cujas, Leonardo da Vinci, Clement Marot, Darwin, Gounod, Arsène Houssaye, Meissonier, Leopoldo II e Tristan Bernard — ficaram sendo, comparadas áquellas, o que seria a vegetação magrissima da Groenlandia comparada á estupenda flora tropical ! Mas que barbas !

A Declaração de Amor

Concurso da "Revista da Semana"

AOS HOMENS:

— Como declarareis o vosso amor numa carta de vinte linhas, no maximo?

A'S MOÇAS:

— Como responderieis, numa carta de vinte linhas, no maximo, a uma declaração de amor?

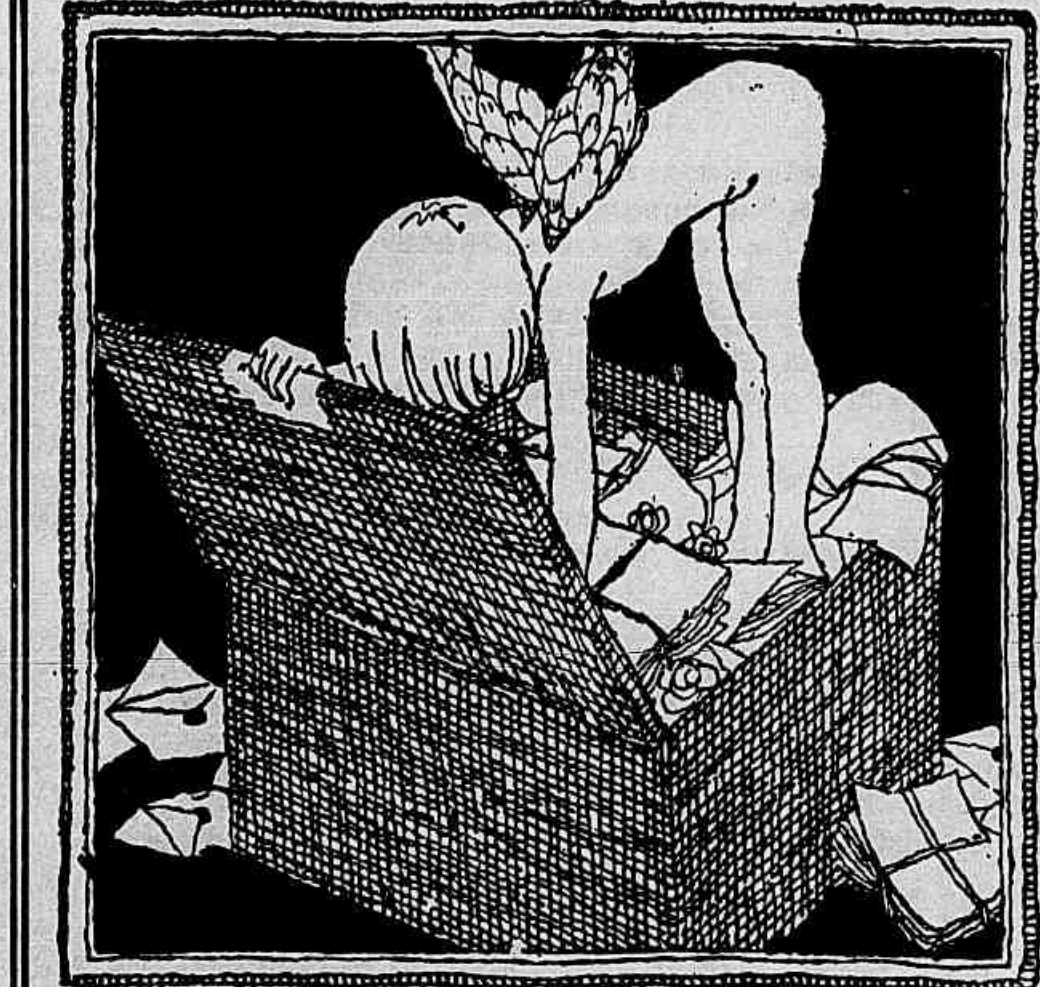
A REVISTA DA SEMANA publicará as cartas que lhe forem enviadas para este concurso, e que devem obedecer ás seguintes condições:

1.ª — Não excederem de 20 linhas de texto manuscripto;

2.ª — Não conterem expressões improprias da compostura moral desta «Revista».

3.ª — As cartas deverão ser assignadas com pseudonymo ou pelo primeiro nome seguido pelas iniciaes dos restantes, podendo ser endereçadas nas mesmas condições.

O concurso está aberto pelo espaço de seis mezes. Terminado o praso (que pode ser prorogado caso haja concorrentes cujos trabalhos esperem ainda publicação nessa data) um jury composto de tres homens de letras procederá á classificação. Os premios deste concurso serão opportunamente annunciados.

Consoante o espaço nos permittir, continuaremos a publicar as cartas que nos forem enviadas para este interessante concurso, pela ordem da sua recepção. Eis as recebidas no decurso da semana transacta:

A X.

Não direi que te amo, sim — direi só : eu te quero,
Não cantarei o amôr, pelos moldes de Homero,
Mostrarei somente, anjo adorado, que um dia
Ao lado teu, feliz eu bem me julgaria
Se eu pudesse saber que serias a esposa
Com quem minha alma sonha e onde meu ser repousa.
Como numa alcatifa aromatica e fofa,
Para descansar um pouco a lucta balofa,
Em que o espirito vibra a procura do pão,
Que nos sustenta o corpo e mais o coração.

Assim é que desejo a esposa idolatrada
Para o sonho da vida, até a morte esperada,
Num tranquillo viver, de rosas perfumadas,
Com passaros, em roda, a cantar, em revoadas,
Borboletas gentis, borboleteando á tôa,
Emquanto rio abaixo, a rolar, a canôa
Repleta de illusões, cheia de chimeras,
Rindo e brilhando aos sóes de eternas primaveras.

FOGAÇA DE AL.

* * *

A' FORMOSA LUCIA O. T.

Ha quinze dias que não durmo, que não trabalho, que não vivo. Rabisco horas a fio palavras indecifraveis. Entre os amigos, torno-me estupido, insociavel e mau. Fui ao meu medico — um sabio — que me disse simplesmente: «Ama»... Foi uma revelação para mim, um alvoroço emocional, um raio de luz na minha psychose enfermiça. De facto : baila-me na retina deslumbrada um perfil — a tua imagem ; sôa-me aos ouvidos uma harmonia seraphica — a tua voz. Procurei ler nos rabiscos que a minha mão nervosa phantasiára em longas noites de insomnia, e soletrei perfeitamente cem vezes, mil vezes : Lucia... Lucia... Lucia... Será isto o amor, Lucia de minh'alma? Então eu amo-te, minha Lucia, amo-te absurdamente, com toda a energia do meu ser, com todos os enthusiasmos, com todas as loucuras...

Responde : Devo morrer ou ir cahir-te aos pés?

Jaboatão (Pernambuco)

ENÉAS S. A.

* * *

MINHA SENHORA

Ha um segredo que se não pode guardar, porque o coração o atira logo á rua, pela janella dos olhos : é o amor. Por isso, creio, não lhe causará surpresa a leitura destas linhas, que são apenas a confirmação do que os meus olhos, para minha ventura ou desventura, já tiveram a indiscreção de transmittir a V. Excia. quando, na alegria da sua felicidade, puderam encontrar-se com os seus formosos olhos naquella noite alegre e memoravel dos seus annos.

Não sei, entretanto, se o arrojo positivo desta confissão calará bem no animo de V. Excia. O que me apraz, porem, é a satisfação que dou ao meu pobre coração, que outra coisa não almeja senão viver e palpitar por si... só por si...

Aguardo, pois, a sua sentença : ou a vida com o seu amor, ou a morte com o seu desdem.

De V. Excia, devotadissimo crente

Nictheroy

PLINIO F.

* * *

DULCE....

A minha vida sem ti é o mesmo que a pelota em uma renhida partida de Foot-Ball. A esphera, depois de ter passado por toda a sorte de soffrimentos, é atirada ao rectangulo, onde encontra ás vezes o seu descanço, o seu alivio. Eu, exposto aos vendavaes da sorte, procuro em ti o meu refugio esperançoso, para descanço das minhas maguas!

MIKADO

* * *

A MARGARIDA P.

A primeira vez que a vi foi nas Regatas. Fiquei perdidamente apaixonado pela sua formosura, pela doce expressão do seu olhar. Não posso apagar da memoria a sua imagem. Desejaria vel-a e, se possivel, fallar-lhe, para saber se devo alimentar a paixão que me soube inspirar. Na senhora está toda a ventura da minha vida!

JOSÉ C. M.

* * *

A ANTONIETA S. B.

Foram os teus olhos seductores e fascinantes e os teus longos cabellos, ondulados e de veludo negro, que me encarceraram, no carcere da agonia, pelo amor.

Sta. Thereza (E. do Rio)

MAZICO

* * *

ODETTE

A minha vida é um abysmo de soffrimentos. Os meus dias são punhaes que ferem sem cessar a minh'alma. Um coração que soffre innocentemente, uma alma que padece sem ser culpada... Oh, salva-me! Não me roubes a luz dos meus sonhos. Quizera morrer crucificado nos teus braços, e em plena agonia, balbuciando o teu lindo nome.

SANTOS M.

Eram majestosas, grandiosas, triumphaes. Quando Jacintho sahia á rua, o passeio parecia estreito para as comportar ; e dir-se-ia que tomavam toda a largura da via publica. O proprio Papae Noel certamente as havia de invejar.

A principio, amigos, parentes e collegas se extasiavam á vista de tão brilhantes resultados ; depois, a boa impressão passou ; aos louvores succederam os sarcasmos ; e é tão facil metter a ridiculo umas barbas!...

As de Jacintho Philardon em breve passaram, pelo excesso das proprias qualidades, a irritar, desesperar as pessoas das suas relações: incommodavam toda a gente ; assustavam as crianças, davam pesadelos ás pessoas nervosas, eram insupportaveis.

Foi-lhes então declarada a guerra. Um bloco se formou espontaneamente, para as aniquilar. De dia para dia ellas soffriam mais formidaveis ataques. Mas resistiam victoriosamente ás pilherias como ás apostrophes.

— Podem fallar, podem pilheriar! dizia Jacintho aos seus detractores. — Não ha de ser cortando-me na pelle que vocês me hão de fazer cortar as barbas.

A' esposa, já vimos como elle respondia ; e quanto aos superiores hierarchicos, declarava-lhes respeitosa mas firmemente :

— Estou prompto a fazer tudo a bem do serviço publico. No dia em que os interesses republicanos o exigirem, immolarei as minhas barbas no altar da Patria. Até lá, porém, permittam que eu as conserve : são a minha unica distracção.

Em summa, os ataques que a energia de uns e o espirito de outros dirigiam contra aquelle systema capillar produziam o mesmo effeito que um caustico produziria numa perna de pau. Esse homem, habitualmente fraco, indolente e malleavel, tornava-se, desde que se tratasse das suas barbas, uma verdadeira rocha. Debalde a infortunada Estephania bramava, esbravejava. Para seu gosto, o homem chic deveras era o Americano, completamente escanhoado, que se encontra sempre no hall *dos grandes hoteis cosmopolitas. O genero hirsuto de seu marido constituia para ella uma horrenda aberração — e a vida afigurava-se-lhe odiosa, execravel por causa daquellas barbas que pareciam a cauda dum cavallo arabe!*

Estabeleceu-se naquelle lar a perfeita incompatibilidade de genios ; e como Philardon preferia brigar com a esposa a privar-se das barbas, só realmente lhe restava divorciar-se.

Succedeu, porém, que nesse meio tempo, foi Jacintho elevado a official da Academia, por occasião do 14 de Julho. O seu jubilo e o seu orgulho não tiveram limites. Apressou-se em arvorar na botoeira uma larga fita violeta. Ao olhar-se, porém, nos espelhos das vitrines commerciaes, verificou que as barbas lhe escondiam a condecoração. E então, não hesitou : entrou num barbeiro e mandou-as deitar abaixo, completamente!

ROBERT FRANCHEVILLE

Extravagancias de gente celebre

A rainha Isabel de Inglaterra deixou por sua morte tres mil vestidos e, nos ultimos tempos da sua vida, não podia supportar os espelhos, temendo vêr os estragos fataes que o tempo havia feito no seu rosto.

O grande philosopho Descartes dava uma importancia particular ás suas cabelleiras; tinha sempre grande numero em reserva.

Mozart, cujos cabellos loiros eram muito bellos, usava-os compridos, fluctuando sobre os hombros e apertados com uma fita de côr.

Napoleão I orgulhava-se da pequenez do seu pé.

Boyardo, o poeta italiano, dava tanta importancia aos seus poemas que, quando achava um nome apropriado para algum dos seus heroes, mandava tocar os sinos da sua aldeia.

A vida de lord Byron foi um continuo exemplo de amor proprio. Ufanava-se do seu engenho, da sua misantropia e até dos seus vicios, mas particularmente da sua destreza no manejo d'um cavallo e da belleza das suas mãos.

Spinosa divertia-se vendo guerrear as aranhas, e ria desatinadamente contemplando as luctas desses insectos.

O cardeal de Richelieu descançava ordinariamente dos seus trabalhos politicos fazendo exercicios violentos. O conde de Grammont encontrou-o, um dia, dando saltos com o criado, a ver qual attingia a maior altura.

Salvator Rosa representava muitas vezes comedias improvisadas, em que fazia o papel de saltimbanco, e com o traje proprio da peça percorria as ruas de Roma.

Antonio Magliabecchi, famoso bibliothecario do grão-duque da Toscana, interessava-se muito pelas aranhas, de que estava cheia a sua habitação. Sentado no meio d'um monte de livros, recommendava aos que o visitavam que não fizessem mal áquelles animaes.

Moysés Mendelsohn, chamado o Socrates israelita, descançava das suas meditações muito prolongadas pondo-se á janella a contar as telhas do telhado da casa contigua.

Cowper criava lebres e fazia gaiolas de passaros.

Goethe tinha em casa uma cobra domesticada.

Chompson tinha um jardim em Richmond; conta-se delle que sentia o maior prazer comendo alperces em cima da arvore, com as mãos mettidas nos bolsos.

Cromwel, deixando a sua gravidade puritana, jogava a cabra-cega com as filhas e os criados.

A innocente distracção de Carlos II de Inglaterra consistia em criar, no parque de S. James, frangos e cães fraldiqueiros da especie que ainda hoje conserva o seu nome, King Charles.

Beethoven gostava de ter os pés em agua fria, e mandava deitar agua no quarto até que este ficava transformado num lago e a agua passava para os andares inferiores: muitas vezes o viam percorrer os campos, humidos de orvalho, sem sapatos nem meias.

Shelley divertia-se muito fazendo fluctuar barquinhos de papel em qualquer tanque que encontrava. Conta-se que, um dia, achando-se junto dum regato e não tendo, para satisfazer a sua paixão favorita de constructor de navios, outro papel senão uma nota de cincoenta libras esterlinas, transformou-a num instante em embarcação, lançou-a á agua, contemplando a sua marcha com uma ansiedade paternal, e correu a recolhel-a na outra margem.

Os sorrisos da Historia

— O seu livro foi condemnado ao fogo, disseram a Voltaire.

— Tanto melhor! Os meus livros são como as castanhas: quanto mais assados, tanto mais se vendem.

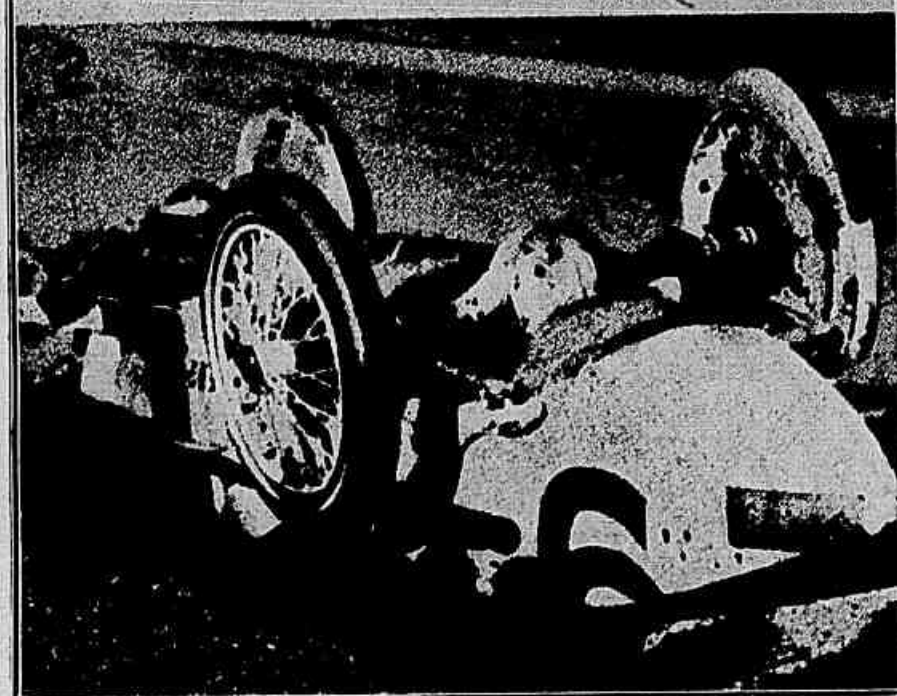
Em poucas palavras, Mme. de Girardin descreveu Alboni, a celebre cantora que, dotada duma voz maravilhosa, tinha uma corpulencia pouco vulgar.

— A Alboni, dizia aquella escriptora, é um elephante que enguliu um rouxinol.

O ministro Calonne ia morrer. Descontente com o seu medico, que não lhe curára a pleurisia, e não podendo mais fallar, escreveu:

« Assassinou-me. Se é um homem de bem, renuncie para sempre á medicina. »

Dr. Rodrigues de Araujo
Director

Uma tragedia automobilista

Os grandes corredores O'Donnell e Gaston Chevrolet, mortos na corrida de automoveis de Los Angeles.

Romancista contra critico

O sr. Masson-Forestier, critico literario, escreveu, em 1913, que o romance Vaisseau des caresses, *do sr. Jules Bois, offerecia estranhas semelhanças com o romance do dr. Hacks:* Au bord du courrier de Chine. *O sr. Jules Bois obteve contra o referido critico, a 17 de maio de 1913, uma sentença, condemnando-o a 500 francos de perdas e damnos, em vez dos 20.000 reclamados.*

Tendo o sr. Masson-Forestier morrido, a 29 de Outubro de 1914, na batalha do Marne, os seus herdeiros appellaram recentemente daquella sentença. A 1.a Camara do Tribunal do Sena examinou o processo do dr. Hacks contra o sr. Jules Bois, o qual terminara, a 14 de Novembro de 1911, por uma sentença que continha esta apreciação:

«O sr. Jules Bois podia incorrer na censura da critica literaria por ter feito do livro Au bord du courrier de Chine *extractos por demais evidentes». Foram esses extractos — diz a sentença de agora — que o sr. Masson-Forestier assignalou, acrescentando, a titulo de critica literaria, a censura que não podia deixar de ser considerada legitima.*

E o tribunal, deliberando de novo, considerou sem fundamento a acção proposta pelo sr. Jules Bois.

OS PRODIGIOS DA SCIENCIA
Tetrazzini, a celebre cantora, cantando um radio-telephonema, transmittido a todos os navios da esquadra americana.

despachos necessarios para se poder obter aquella lenha.

Este processo de fazer politica é certamente novo; é delicioso.

Processo original de angariar donativos para uma instituição de caridade. — «Tiro a mascara por uma libra!»

Um Sultão

Ha cerca de dez annos, estava o sargento norte-americano Robert Mac Clain de serviço, na ilha Llong Llang, ao sul das Felippinas.

Um dia, em que o Sultão, governador da Ilha, ia ser maltratado por alguns mercadores, o sargento enfrentou estes com energia e deu asylo ao sultão, em sua propria casa.

Como nos bons romances

Bim e Bom

Parece que os dois homens que actualmente gozam de mais popularidade em Moscou não são, como se poderá imaginar, Lenine e Trotsky, mas sim Bim e Bom.

Bim e Bom são dois palhaços. Sempre que os seus nomes apparecem no cartaz, fica o circo a abarrotar de espectadores. Elles dois constituem um numero supremamente sensacional.

Infelizmente, porém, não apparecem muito a miudo na arena. Ha dezoito mezes que, no dia seguinte a cada uma das suas exhibições, são presos e encarcerados. Ordem superior!

E' que Bim e Bom são intransigentes, embora risonhos, antibolchevistas. Detestam os actuaes detentores do poder na Russia e manifestam-no a seu modo, isto é galhofando. Ora, Lenine não permitte dessas coisas. As facecias de Bim e Bom já lhes custaram tres condemnações a tres mezes de cadeia, cada uma. Elles, porém, não se emendam. Assim que voltam á liberdade, recomeçam. Eis algumas das suas pilherias, que os jornaes europeus têm reproduzido:

Bim está na arena. Finge mastigar um osso e depois fica em silencio alguns minutos. Bom, que está na archibancada, interpella-o:

— Só tens um osso para roer. Por que não reclamas?

Bim levanta-se, arregala os olhos e, indicando num gesto circular os espectadores, responde:

— Faço como elles. Tambem elles ha tres annos não têm que comer... e estão calados!

Outra pilheria:

Bim vae mobilar os seus novos aposentos; e leva ás costas os retratos de Lenine e Trotsky.

— Onde vaes pôr isso? pergunta Bom.

— O primeiro é para pendurar (enforcar) e o segundo para pregar na parede.

Finalmente Bim e Bom entram juntos na arena; o primeiro traz na mão um leigo pedaço de lenha e o segundo carrega um enorme cesto cheio de papeis. E explicam que estes papeis constituem os documentos e

MADEMOISELLE CARPENTIER

A primeira filha do campeão do box Georges Carpentier, que acaba de assignar contracto com Dempsey para disputar o campeonato universal do box. A pequenina Jaquelina ainda não sabe que o seu pae prostra com um murro o mais imponente hercules.

Mme. Curie, a famosa descobridora do radio, a quem o Conselho Municipal de Paris acaba de offerecer duas grammas de radio, no valor de dois milhões e quinhentos mil francos, destinadas ás experiencias de cura do cancro.

e peças de theatro, a virtude do militar foi recompensada. O Sultão reuniu os seus vassallos e declarou-lhes que adoptava o sargento Mac Clain como seu filho.

Ora, o mez passado, falleceu o sultão. Em vista disso, o sargento dirigiu-se ao Departamento da Guerra norte-americano, para fazer reconhecer os seus direitos á herança do Monarcha — herança que comporta varias e importantes pescarias de perolas, plantações de coco e um harem.

Quanto a esta ultima propriedade, declarou, porém, Mac Clain renunciar a ella, pois era casado e uma mulher perfeitamente lhe bastava.

As surpresas do cambio

Prodigiosa aventura succedeu o mez passado a um carregador de Vienna. Esse pobre homem encontrou na rua uma carteira contendo, em dinheiro americano, 20.000 dollares. Tratou de descobrir o dono da carteira e entregou-lh'a. Era, com effeito, um Americano e dos mais generosos, porque, tirando dois mil dollares do pacote, os deu ao carregador, em recompensa da sua honradez.

Ora dois mil dollares representam na Austria, ao cambio actual, um milhão de coroas. Eis, portanto, o carregador, dum momento para o outro, millionario... Parece ou não parece um lance de conto de fadas?

O sino de Fréniches

No departamento francez do Oise, diocese de Beauvais, ha uma freguezia de tresentos habitantes, cujo vigario e cujos parochianos acabaram ha pouco de curtir uma longa temporada de tristeza. Chama-se a referida freguezia: Fréniches.

Entre muitas coisas a que alli deitaram a mão, roubaram os Allemães o sino unico do pequenino templo local. E, durante seis annos, o campanario permaneceu mudo!

Em fins do anno passado, resolveram os habitantes, com o seu pastor á frente, adquirir outro sino. Fez-se para isso uma subscripção. Todos os bons camponios recorreram aos seus mealheiros, aos seus pés de meia — e assim se juntaram dois mil e quinhentos francos. Mas o sino custava tres mil...

O Figaro, sabendo disso, dirigiu-se aos seus leitores, dizendo-lhes que não abria uma subscripção, mas lhes pedia simplesmente os quinhentos francos que faltavam para o sino de Fréniches. E logo no dia seguinte, um Anonymo lhe mandava os quinhentos francos e outras pessoas generosas, com donativos diversos, perfaziam o total de mil e selenta francos.

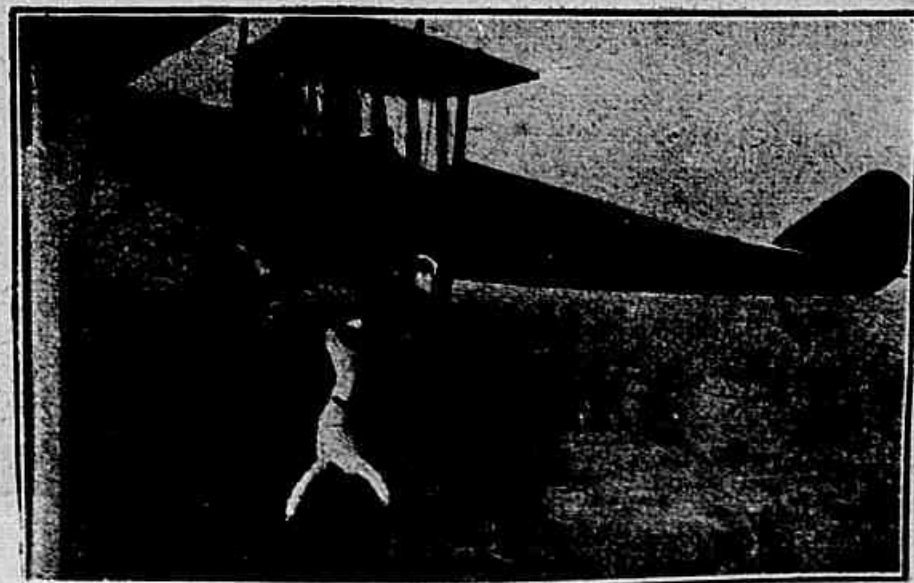
As historias mais singellas são, ás vezes, as mais enternecedoras.

O sabbado magro nos tres clubs carnavalescos: Democraticos, Fenianos e Tenentes.

Lança-perfume Alice

O sr. Francisco Carneiro teve a amabilidade de nos enviar uma caixa do lança-perfume Alice, marca de sua propriedade.

Pelo aroma delicioso, pela vehemencia do esguicho e pela inoffensividade, o lança-perfume Alice sobremaneira recommenda a industria nacional deste artigo.

Agradecemos ao sr. Carneiro a gentileza da offerta.

Locklear, o acrobata aereo, que morreu quando executava um dos seus exercicios phenomenaes, tem já um successor. A gravura mostra-nos A. Wilson, continuador de Locklear, photographado de um outro aeroplano, no momento em que executa, sobre a cidade de Los Angeles, os seus arrojados exercicios acrobaticos.

Os que pensam

A politica é a arte de se accommodar ás circumstancias e de tirar partido de tudo, mesmo do que nos desagrada.
BISMARCK.

A virtude por calculo é a virtude do vicio.
JOUBERT.

❖

O segredo da belleza artistica reside na emoção.
C. BELLAIGUE.

A boa politica não se distingue da boa moral.
MABLY.

❖

A pena de Talião é a justiça dos injustos.
STO. AGOSTINHO.

Revista da Semana

Revista da Semana
Director C. MALHEIRO DIAS
EU SEI TUDO (Magazine mensal)
ALMANACH EU SEI TUDO

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911
Propriedade da Companhia Editora Americana
SOCIEDADE ANONIMA. Capital realisado 500:000$000
Praça Olavo Bilac, 12 e 14, e Rua Buenos Aires, 103
RIO DE JANEIRO
Endereço Telegraphico REVISTA
Telephones: Directoria N. 112 - Redacção e Administração N. 3660
Correspondencia dirigida a Aureliano Machado
Director-Gerente

Condições de assignatura
Por série de 52 numeros (1 anno) 48$000; 6 mezes 25$000.
Estrangeiro 65$000
NUMERO AVULSO 1$000

Anno XXII || Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1921 || N.º 6 da Nova Série

Carnaval

OS TRES PIERROTS

SOZINHO a uma mesa, no meio da multidão de mascaras que, variegada, mirabolante, vozeando e casquinando, se agitava no jardim do Club, o Pierrot azul parecia immensamente aborrecido. A garrafa de champagne aberta na sua frente dava-lhe um aspecto lamentavel de entrevista malograda, de orgia que, á ultima hora, ficou sem effeito. Sim, esse mascarado que levava aos labios lentamente e sem gosto a taça, onde a espuma se extinguira, lembrava a imagem da propria Decepção. Reparando-se, porém, melhor — como eu fiz, d'uma mesa proxima — verificava-se que a sua attitude, os seus gestos, os seus olhares atravéz dos buracos da mascara eram perfeitamente calmos, naturaes, sem febre e sem desanimo. Estava alli como noutro qualquer logar, fazendo uma despeza para ter direito a ficar sentado e olhando, como bom observador, attento mas imperturbavel, os que passavam...

Nisto, um Pierrot lilaz, meio exhausto, cambaleante, se acercou da mesa do solitario:

— O senhor dá-me licença? perguntou elle, num tom de voz que era bem uma supplica.

— A' vontade...

— Não incommodo? Não estará o senhor esperando alguem? — Mas, sem dar tempo ao outro de responder, foi puxando uma cadeira, na qual se deixou cahir, vencida, pesadamente — O senhor desculpe. Mas este calor, uma sêde horrivel...

Bateu palmas; o outro, porém, estendendo um gesto amavel:

— Permitta-me que lhe offereça um pouco do meu champagne...

O olhar do Pierrot lilaz envolveu, lambeu a garrafa quasi cheia:

— Oh, senhor, mas...

— O serviço está muito demorado, espera-se uma porção de tempo... Ora, o creado trouxe-me duas taças... não sei porque, pelo costume... Foi, portanto, o deus Acaso que determinou este nosso encontro, preparando as coisas para o tornar agradavel... A' sua saude...

O Pierrot lilaz esgotou dum sorvo a taça fervilhante. Respirou fundo, todo consolado, como se a frescura viva do champagne lhe houvesse penetrado tambem a alma. E como o Pierrot azul se apressasse a encher-lhe de novo a taça:

— Oh, eu estou abusando, abusando escandalosamente! Mas, se soubesse como eu vinha... Depois, esta coisa de meia, quente como fogo, a apertar-me a cabeça...

Com uma exclamação de allivio, arrancou o carapuço tradicional. Tinha a cabeça já bastante grizalha; e os seus cabellos espalhados, despenteados estenderam uma sombra melancolica sobre a alvura crua do maquillage.

— Realmente, concordou o outro, isto não deixa de incommodar...

Tirou tambem a calotte classica. A sua cabeça, toda branca, parecia, sobre o alvaiade da face, coberta de pó de marfim. Os dois Pierrots olhavam-se um ao outro, affectuosa, commovidamente, na sua reciproca revelação. Um momento antes, nada de commum havia entre elles: agora, sentiam-se aproximados, irmanados quasi, só porque do seu disfarce de mascarados um pouco de verdade, de sinceridade se escapara, como um inicio de mutua confissão...

Mas o Pierrot lilaz não considerou por muito tempo o companheiro. A sua emoção logo tinha que ceder a outro sentimento, anterior e mais forte. A sua physionomia, um momento repousada, alliviada, reassumiu, mais definida ainda, a expressão ansiosa que trouxera. Havia nella agora, evidentemente, uma angustia de pesquiza, de lucta contra um mysterio perdido naquelle mundo enigmatico de sabbado gordo; e tudo nessa physionomia excitada, atormentada, que não parava um momento, parecia perscrutar, farejar, querer adivinhar... O companheiro, que naturalmente o observava, ponderou:

— Pelo que vejo, é o senhor que espera alguem. — O outro hesitou em responder — Nesse caso, peço-lhe que, chegado o momento, m'o diga com franqueza, para me retirar...

Tanta discreção e gentileza impressionaram o Pierrot lilaz, que precipitou a resposta:

— Não, senhor! Isto é... Com effeito, fiquei de me encontrar aqui com alguem. Mas isto é tão grande, ha tanta gente, tantas fantasias eguaes ou semelhantes a ponto de se confundirem... Que lá isso é o menos. Eu, se ella vier, conheço-a logo. Entre mil, dez mil que fossem! A questão é que ella possa vir...

O Pierrot azul, baixando um pouco a cabeça toda cãs, murmurou:

— Felizes os Pierrots que ainda esperam Colombina...

— Mesmo que ella não venha?

— Sim. Eu, por exemplo, deixei de esperar a minha, ha mais d'um quarto de seculo... Tive ainda um periodo de duvida atroz, constante e consumidora, em que recordava as suas graças e os seus juramentos, revia e repadecia os seus olhos limpidos e doces e a mentira que, do fundo delles, me viera enegrecer e envenenar a existencia... Vivia nesse supplicio, nesse inferno, vivia, no emtanto, della e para ella. Duvidar é esperar ainda! Mas depois...

Então, o outro, o grisalho, estendeu a mão espalmada, que tremia:

— Por quem é! As nossas historias nada de certo têm de commum...

— Nem eu pretendo...

— Sim, mas essa approximação que o senhor fez, a relação que estabeleceu... Não me julgue um idiota vaidoso. Mas eu sou amado. Tenho certeza disso. E o senhor comprehenderá quando souber que não sou rico e que nada em mim poderia ter despertado em... em Colombina, digamos, um interesse vulgar. Por que motivo me chamaria ella aos seus braços, senão porque realmente se sentisse bem possuida e bem cheia de amor por mim? Ah, mas o senhor não pode imaginar creatura mais seductora, mais absorvente, mais avassaladora. E' um typo fino e educado de costureira: trabalha ahi numa grande casa, não sei bem qual, como première, supponho eu — porque a esse ponto sempre ella se refere de passagem e vagamente... Apenas sei que deve ganhar bastante, porque, se o seu colar de perolas não passa duma destas admiraveis imitações modernas, as pedras que lhe enfeitam as mãos — mãos de todas as caricias! — essas pedras são positivamente verdadeiras. São rubis, saphiras, esmeraldas, um ou outro diamante, não talvez de grande preço; assim mesmo, porem, constituem na simplicidade e modestia do resto da toilette uma extravagancia, uma especie de mania ao mesmo tempo ostentosa e pueril; e os meus olhos saboreiam, no mais doce deslumbramento, a passagem sobre elles dessas gemmas multicores... Não lhe digo que ella seja uma formosura, questão sempre discutivel... Ha, porem, nella alguma coisa melhor do que ser naturalmente bella; é saber dar-se belleza, saber olhar, saber sorrir, saber dizer as coisas que apaixonam. E ouvindo-a, e de momento para momento mais a adorando, com que venturosa volupia os meus dedos se afundam, se emaranham e se perdem nos seus bastos cabellos cortados de midinette... Ah, meu amigo! Perdôe esta expansão dum pobre diabo que soffre... que soffre porque ella não vem...

Alongando o braço por sobre a mesa, o companheiro deu-lhe no hombro uma palmada animadora:

— Ha de vir. Com effeito, os nossos casos não se parecem. Vejo agora que a minha... a minha Colombina me não amava, mas apenas se deixava amar. Eu fazia por ella todos os sacrificios; eram esses sacrificios que a lisonjeavam e a prendiam um pouco a mim. Mas, se ella me tivesse migalha de amor, não me faria o que fez. Tinha eu, mais ou menos, a sua idade, e foi justamente num sabbado de Carnaval — naquelle tempo ainda se chamava Entrudo... Tinhamos combinado ir ao baile do S. Pedro. A' ultima hora, porém, mandou-me ella um bilhete, dizendo que o irmão tinha adoecido e parecia coisa grave...

— E' curioso!

— Em todo o caso, accrescentava, eu que fosse ao S. Pedro e de lá não sahisse toda a noite, porque, se o medico, esperado a cada momento, declarasse a molestia sem perigo ou se o doente melhorasse, immediatamente ella viria ter commigo, cheia de ternura e de alegria...

— E não veio...

— E depois vim a saber que só me fizera passar a noite no S. Pedro para poder ir despreoccupadamente, com outro, ao baile do Recreio! Mas... Que tem o senhor? Sente-se mal? Diga!

— E' que, meu amigo, as nossas historias, a vinte e cinco annos de distancia, são exactamente iguaes. Tanto tempo passou, o Carnaval substituiu definitivamente o Entrudo, tudo mudou, só Colombina, essa é sempre a mesma!

— Sempre!

— Vou-me embora. E o senhor?

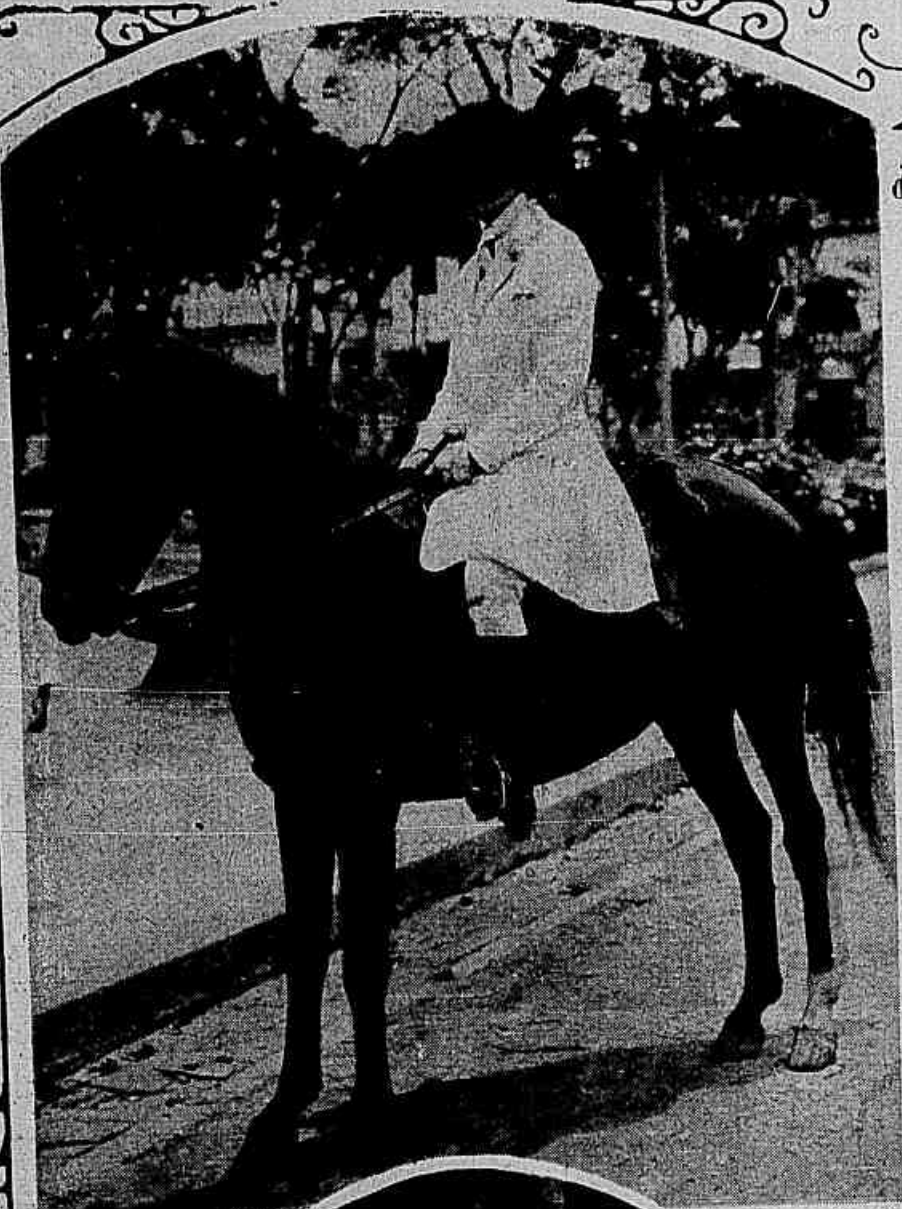
— Posso acompanhal-o ainda um pouco, por ahi fóra...

— Sim, sim! E eu lh'o agradeço... como nem imagina!

Levantaram-se. Um Pierrot verde, que passava, precipitou-se a tomar conta da mesa. Acalorado, abanava-se com o gorro sacramental. Os seus cabellos, esplendidamente negros e annelados, reluziam de seiva, ardor, mocidade. E agarrada com ambas as mãos a o seu braço esquerdo, toda languida, enlevada, pendurada delle, vinha Colombina.

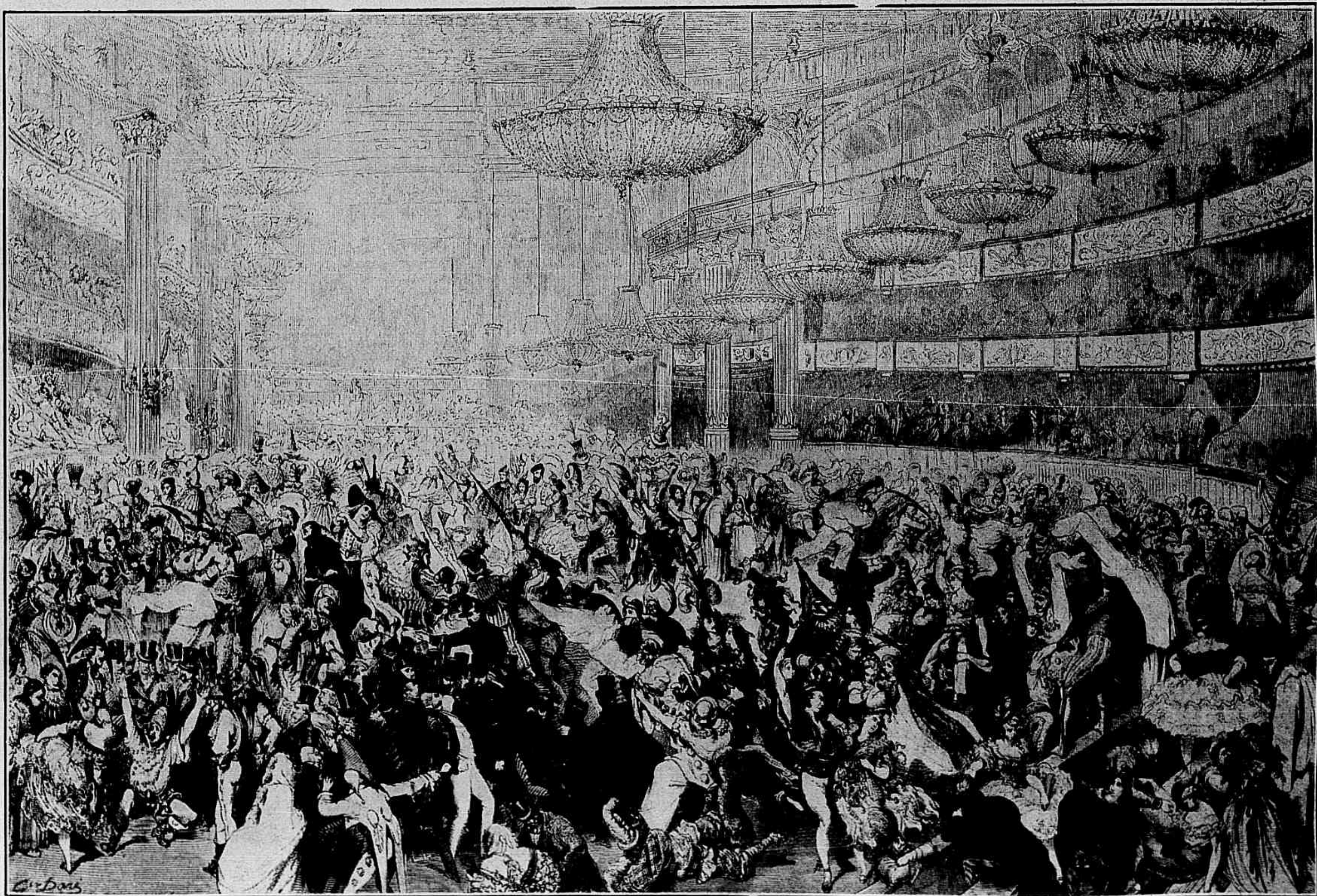
J. L.

A Festa das Hortensias em Petropolis

Semana Elegante

O Exercito e a Fé

Espadas flammantes, desnudas, enristadas, sob a luz dos candelabros de crystal, as duas centenas de jovens officiaes exprimem, com esplendor e galhardia, a força generosa, feita de crença e de patriotismo. Elles sahiram, pouco faz, da officina em que se forja a certeza e a segurança da patria. Soldados, formam a tropa de elite, nucleo de aperfeiçoamento do amor ao Brasil, na capacidade de sabel-o defender. Moços, fazem pensar no futuro, com a fórte confiança que é serenidade para vencer e prosperar. Durante quatro annos, vimol-os tenazmente realisando a obra de sua formação militar, que é orgulho de todos nós. Ha dias, no Campo de Marte, ao pé da velha e gloriosa Escola do Realengo, nós os saudavamos, commovida e enthusiasticamente, pelo seu baptismo do officialato. Alli, nessa augusta ceremonia, elles rijamente espalmaram as mãos, retezos os braços, jurando pelo seu voto de sangue para com o Brasil. Era a promessa do heroismo, do devotamento, da abnegação. As espadas e as insignias, que se lhe confiavam, resplandeciam ao sol. Elles tinham o ar convicto, brilhava-lhes nos olhos a fé em si mesmos. Do compromisso que prestavam, resaltava o quadruplo apego aos camaradas, aos superiores e subalternos, á disciplina, que é razão da força, á patria, que é tudo. No meio d'elles, a bandeira — a formosa e gloriosa bandeira, lembrança de Monte-Caseros e de Tuyuty, e estimulo de todas as horas — parecia sorrir-lhes e, batida do vento, como que lhes offerecia as suas dobras de ouro, de azul e de esmeralda, para os beijos, transporte das almas ardentes.

Agora, é a ceremonia da crença. As espadas estão estendidas, esplendendo á luz de mil velas. E' na igreja de Santo Ignacio. A solemnidade aqui reflecte outro aspecto da força, que é a faculdade, a capacidade de crer. Elles crêem no Deus de Bondade dos Evangelhos, que é, tambem, o Deus dos Exercitos. Hontem, o coração batia-lhes no estremecimento do amor-patrio, que é feito de impeto e de renuncia. Hoje, sagrando suas armas na alliança com os céus, seu voto é a promessa da generosidade, o appello da alma pela patria, cujos destinos estão mais em Deus, que é a eternidade da fé, a constancia de todos os votos. Mas, nessa attitude, que é a revelação da energia de acreditar num poder maior, ha tambem a belleza que faz das almas escrinios da vontade dos céus, escudos contra a indifferença, o scepticismo, que são os germens destruidores da coragem, do apêgo, da certeza na patria, da segurança de si proprios. O Novo Exercito alboresce sob os influxos desse espirito de fé. Apagando na communhão dos seus designios a recordação das idéas sectarias que afrouxára, nas casernas, o desejo do Brasil-Forte, a mocidade militar, que vae receber nos templos catholicos a benção das espadas — gladios da força pela patria, — repõe a nação no surto de sua espiritualidade, fal-a reentrar no rythmo das suas tradições. Desse Exercito, que se organiza assim, fazendo-se uma expressão do proprio sentir geral do paiz, bem póde dizer-se que elle se esculpe em imagem da grandeza nacional, pelo coração, pela intelligencia, pela energia. Os jovens, que traduzem, no voto a Deus, o aspecto moral da patria, são os mesmos que, no monumento aos heroes da Laguna e de Dourados, vão perpetuar, na abnegação e arrojo do heroismo, o patriotismo, a dedicação ao Brasil. Esses dous gestos exprimem o mesmo sentimento, que é a fé, a unica, a immensa força, aquella que varejou mares em frageis caravellas, que venceu em Aljubarrota, que penetrou, no impeto das «Bandeiras», o sertão bravio, que expulsou o inimigo estrangeiro nos tempos da colonia e em 64, que anniquilou Oribe, Rosas e Lopez, que sublimou na epopéa de Camisão, que fez a grandeza e o dominio de Portugal nos seculos XV e XVI e o esplendor, a maravilha, o poder do Brasil, força da fé e da crença, belleza das nossas tradições, estimulo e certeza do nosso futuro, de que o Novo-Exercito é a expressão radiosa.

MARQUEZ DE DENIZ.

O BAILE DA *MI-CAREME* NA OPERA DE PARIS em 1868. *(Composição de Gustavo Doré).*

O Carnaval do Rio de Janeiro em 1881

Os cortejos dos Tenentes, Democraticos e Fenianos.
(Composição de Angelo Agostini)

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 5 — as sras. Julieta Chaves Rangel e Cora Pires Moreira ; as senhorinhas Maria Hortensia de Proença, Maria Augusta Ruy Barbosa Ayrosa, Marianna Gomes Pinto e Lucinda de Moraes ; a distincta poetisa e illustrada professora cathedratica municipal senhorinha Leonor Posada ; o ministro Pires e Albuquerque ; o senador Costa Rodrigues.

No dia 6 — as sras. Alice Quartim de Moura e Maria Calazans de Barros ; a senhorinha Alzira da Motta ; os drs. Antonio da Silva Moitinho e Eugenio Salles Brandão.

No dia 7 — a sra. Antonio Salles ; o senador Miguel de Carvalho ; os drs. Alberto de Gusmão Jatahy e Guilherme da Silva ; o sr. Adolpho de Sousa Cruz ; o eminente general Roberto Trompowsky, que foi o mestre sempre lembrado e austero da geração que ora realiza a grande obra do Novo-Exercito.

No dia 8 — as sras. Conrado Niemeyer, Maria Fischer Gambôa e Albertina Dutra da Fonseca ; a dra. Antonieta Gonçalves de Sousa ; a escriptora Anna Cesar ; a senhorinha Beatriz Saboia Porto ; os drs. Leopoldo Teixeira Leite, Urbano Figueira e Leandro Cavalcanti ; o coronel Leoncio Camargo ; o illustre almirante Pedro de Frontin, que desempenhou, galhardamente, na grande-guerra, o commando da esquadra brasileira em operações no triangulo Gibraltar — Açores — Dakar.

No dia 9 — a senhorinha Maria da Gloria Teixeira ; os drs. Moura Brasil, Cid Braune, Manoel Augusto de Carvalho, Carlos Lopes Sayão e Mario Alves ; o sr. Arthur Guaraná ; o academico Fausto Barreto Durão ; os srs. Virgilio Lopes Rodrigues e Miguel Braga.

No dia 10 — a baroneza do Paraná ; as sras. Abigail Guimarães Braga, Luiz Gomes de Mattos e Eurydice da Silva Rodrigues as senhorinhas Helena Pereira Lemos, Alice Ribeiro Braga, Lucy Dario de Mendonça, Jacy Raul Martins e Maria Vaz de Barros ; a galante Elsa, filhinha dilecta de J. Carlos ; os drs. Nina Ribeiro, Oswaldo Gomes da Fonseca, Enéas Martins filho, Francisco de Paula Monteiro de Barros Lima e Mario Belletti ; o coronel Eduardo José Pereira ; o capitão Luiz Fernandes Ramôa ; o tenente Affonso Gomes.

No dia 11 — as sras. Alda da Fontoura Caravelli e Olga de Vasconcellos Abranches; as senhorinhas Marina Silveira de Sousa, Eulalia Seabra de Vasconcellos e Leonor Henrique da Silveira ; os drs. Silveira Lobo, João Capistrano Gomes do Amaral, Gomes de Paiva, Firmino Doerllinger da Graça, João Brasil e Emilio Amarante Peixoto de Azevedo ; o nosso presado e illustre collega Fernando Mendes de Almeida Junior ; os srs. Alfredo e Guilherme Seabra.

NOIVADOS

— a senhorinha Lolita Neiva de Lima Rocha e o dr. Toscano Espinola ;

— a senhorinha Alice Saraiva e o sr. Waldemar Ramiz Wright ;

— a senhorinha Maria de Macedo Soares e o sr. Nicoláu Octavio Carneiro Leão ;

— a senhorinha Celita Mello Braga de Oliveira e o sr. Rogério Maldonado d'Eça ;

— a senhorinha Francisca de Oliveira e o dr. Olympio Marinho ;

— a senhorinha Maria Candida da Fonseca e o commandante Ururahy Magalhães.

CASAMENTOS

— a senhorinha Maria de Alencar e o dr. Euclydes Rôxo ;

— a senhorinha Olga Malafaia e o sr. Luiz Pedro Gomes ;

— a senhorinha Margot de Carvalho e o sr. Arthur Martins ;

— a senhorinha Isaira Queiroz da Silva e o sr. Affonso Maria Côrte Real de Araujo Leite.

— a senhorinha Nair Andréa e o dr. Mario Dutra de Oliveira Torres ;

— a senhorinha Idalia Oliva da Fonseca e o sr. Archibald J. Davies.

OS QUE VIAJAM...

A bordo do *Araguaya*, parte para uma excursão na Europa o distincto *sportman* dr. Luiz Menescs, offical de gabinete do ministro da Viação.

VERANISTAS

Tomou casa em Petropolis o sr. Almeida Rabello.

* * *

Promette subir para o villino da avenida Washington, ainda este mez, o dr. Eugenio de Barros.

* * *

Em visita a amigos que se acham veraneando em Petropolis, estiveram, domingo, na encantadora cidade o casal Bica de Almeida, a sra. Thompson, as senhorinhas Ilda, Ruth e Dagmar Sampaio e Mercedes Fontoura.

* * *

Acha-se em Cambuquira o capitalista Ontario Villan de Sousa.

* * *

Está veraneando em Petropolis o joven o distincto academico Borja de Almeida, nosso collega de *A Patria*.

* * *

A sra. Pedro Serrado abriu ,em Theresopolis, os bellos salões da sua villa de estio, com uma festa deveras encantadora.

* * *

Abriram, este anno, pela primeira vez, seus salões, em Petropolis, a sra. e o sr. Roberto Cardoso, que propocionaram á sociedade veranista uma brilhante «vesperal».

DIPLOMATICAS

No *Almanzora*, seguiu para o seu posto em Londres o 1.º secretario da embaixada Carlos Godinho.

* * *

Passou, hontem, pelo nosso porto o eminente chanceller argentino dr. Honorio Puyerredon, que vem de assumir tão destacada posição nos debates da assembléa geral da Liga das Nações, em Genebra.

S. ex. foi cumprimentado, a bordo, pelos representantes do sr. ministro do Exterior e, mais tarde, ao desembarque, pelo proprio sr. dr. Azevedo Marques, que lhe prestou as mais significativas demonstrações.

* * *

Vae deixar a Secretaria do Exterior o dr. Raul de Leoni, que acaba de ser nomeado para outro cargo.

CONFERENCIAS

Póde dizer-se que a passada semana foi dedicada ás conferencias. E tivemol-as de todos os generos, cada qual mais curiosa e attrahente, destacando-se, entre ellas, as de Coelho Netto, sobre o reinado de Pedro II, Ruy Chianca, sobre as relações luso-inglezas, e Assis Cintra, sobre os homens da Independencia.

CARNAVAL

Innumeros serão os bailes á fantasia, marcados para os tres dias dedicados aos folguedos carnavalescos.

Amanhã — no *Palace-Hotel* e Assyrio ;
Segunda-feira — no *Fluminense* ;
Terça-feira — no *Palace-Hotel* e Assyrio.

Estes os que terão a presença obrigada do grande-mundo.

* * *

Em Petropolis, hoje, á noite, abrir-se-á a Villa Itararé, actual residencia de verão do embaixador Edwin Morgan, para um grande baile á fantasia.

* * *

Esteve simplesmente linda e concorridissima a *vesperal hespanhola* de Dulce Liberal, a formosa *jeune fille*, ornamento do sociedade carioca, ora veraneando em Petropolis.

A *Revista* publica alguns aspectos dessa festa de arte e espirito.

* * *

Tem causado reboliço nas rodas dos frequentadores das reuniões do *Palace-Hotel* a deliberação tomada pela gerencia desse estabelecimento, que prohibirá, nos bailes de carnaval, o uso de mascaras.

Pensam todos que esse detalhe prejudicará, em grande parte, o interesse das festas promovidas pelo *Palace-Hotel*. A opinião corrente é favoravel ao uso da mascara, sob rigorosa fiscalização, por parte da gerencia, da qualidades das pessôas, á entrada do hotel.

Tendo-se em vista que o Carnaval é uma festa de espirito, sob mascaras, não deixam de ter razão os que reclamam...

* * *

Esteve magnifico o sarau-*costumé*, realizado, no ultimo sabbado, no lindissimo pavilhão do Club de Regatas Botafogo.

CARNET

«*Meu amigo* :

A *Festa das Hortensias* decorreu quase burocraticamente, como diria o nosso joven amigo, chronista de *Sociedade*, Paulo de Magalhães.

Se nos annos anteriores faltou sempre uma nota de originalidade, um aspecto de grande arte, desta vez as cousas se passaram bem peior.

Não fôra o *chá paulista* — que tudo indicaria dever ser «*um café á paulista*» — o domingo teria sido monotono e vasio de alegria.

Mas os salões do *Tennis*, em que teve logar a bella reunião, acolheu uma sociedade illustre, em que sobresahiam as mais radiosas formosuras do Rio.

Vi, entre outras, as seguintes pessôas :

— Princeza di Alliata, condessa de Leopoldina, sras. Franklin Sampaio, Alberto de Faria filho, Angela Vargas Barbosa Vianna Carlos Guinle. Alfredo Graça Couto, Costa Pinto, Eduardo Pederneiras, Renato Rocha Miranda, Bica de Almeida, ministra Oscar de Teffé, Fonseca Costa, Austregesilo, Carlos Leal filho, Waldemar Bandeira, Carlos Taylor, Oscar Lopes, Alberto Torres filho e A. Lage senhorinha Odette Gasparoni,. Maria Malafaia, Hourigoutchi, Mary Diaz, Marina Lopes, Edda Sampaio, Aladyr Azevedo, Maria Antunes, Maria Elisa Silva Costa, Beatriz de Magalhães, Zizi Nuno de Andrade, Thétis Pezas, Laura Austregesilo, Isaura Liberal, Frederico Villar, Vera Bravo, Frederico Burlamaqui, Maria Ruy Barbosa Ayrosa, Nair Ten Brinck, Dulce Liberal, Aracy Jardim, Yvonne Campos, Zaira Lisboa, Kanitz, Yvonne Masset, Antonieta Figueiredo, Sousa Aguiar, Lila Sampaio, Baby Costa Motta...

Por essa opulenta lista, não hade ser difficil V. comprehender o que teria sido de agradavel, movimentado e bello esse festival primoroso, a que o *Tennis*, impropriamente, chamou «*um chá paulista*».

* * *

No *Palace-Hotel*, os néo-chronistas de elegancias — Borja de Almeida, Moacyr Fonseca, Paulo de Magalhães e Francisco de Moura — deram um pinturesco «assustado», com recitativos e canto.

MARIA EUGENIA»

RECEPÇÕES DE ANNIVERSARIO

No dia 29 — a galante Maria Augusta Gonçalves Barata ;

No dia 30 — a senhorinha Juracy Ferreira da Costa.

M. DE D.

O Carnaval no Rio — Um banho á fantazia em ICARAHY

Guizos e Cascaveis

A maluquice official, depois de successivos ensaios de apuro, entra hoje em pleno exercicio, cognominado carnavalesco com o fim exclusivo de demonstrar, á luz dos factos incontestados e incontestaveis, que não ha nada como tudo e o mais são historias.

Assim fallou o marechal Pires Ferreira quando era cadête, nos saudosos tempos em que se amarravam cachorros com linguiça.

Como a época é de verdadeira loucura, não resistimos á tentação de impingir nestas columnas magras varias impressões dos dias gordos.

***

O numero de cordões carnavalescos rareia de anno para anno. Agora a moda é o blóco ou o rancho e, qualquer que seja o nome, o grupo não pode sahir á rua sem a competente licença das autoridades. Como actualmente a Saúde Publica alcandorou-se com uma autoridade extrema, tambem metteu o bedelho nas supra referidas licenças. Assim, entre os cordões prohibidos de exhibição publica se acham hoje o cordão sanitario, propriedade exclusiva do carnaval hygienico, e o cordão umbilical, que não é muito agradavel á vista em dias alegres.

***

Até agora ninguem descobriu onde está a graça, onde se encontra o espirito, onde se encafúa a fantasia do pyjama. Esse traste caseiro deu para apparecer nas ruas, em dias de folia, como traje de gosto.

Pode ser que tenha fantasia o traje, mas caracter é que não encontramos.

***

A chusma de dansas exoticas multiplica-se... Além dos sambas e maxixes, temos cangerês, mafuás, candomblés e as mixordias norte-americanas chamadas fox-trot, obrigadas a musica de pancadaria em tacho rachado, fundo de panella, caixa de charuto e outros instrumentos de sôpro,, na paciencia do proximo.

E despreza-se o can-can, do tempo do Alcazar, agora que a arte retrospectiva está na berra!

***

O Correio Geral apanhou uma fantasia nova ou, antes, uma reforma da fantasia antiga.

O cordão dos funccionarios parece não ter gostado da nova roupa velha e já está protestando contra a fantasia do governo que o quer deixar como posta restante.

Pelos modos, parece que o caso registrado ainda não tem valor declarado.

Talvez seja uma amostra sem valor.

***

Tudo é supportavel nestes quatro dias de chinfrineira e pandega grossa, menos os nefandos e ominosos versos da maioria dos blócos, publicados criminosamente pelos jornaes.

Numa terra de palmeiras e poetas á ufa, esses blocos não procuram um versejador, ao menos, que saiba escrever cousa com geito e com nexo, e mettem uns pés quebrados com versos sem sentido, sem grammatica, como estes que colhemos ha dias:

Na crystalisação nostalgica da fácia
Um beijo perpetrei á luz da lua cheia,
Ouviu-se estralejar nas limpidas areia
E o éco foi gemê nas ôndegas do mar

E o mar contou ao barco
E o barco disse ao remo
E o remo ao remadô
As cochamblancias do amô!»

O estribilho da moxinifada, como o de todas as outras, é esta belleza de hortaliça, que aliás tem uma linda musica:

«Ai mulhé
Porque me arrebatas
No pedestal ardor do teu amplexo,
O' fraco sexo
Que me matas
A mim
Assim
O' Flôr
Amôr!»

Textual! E não cae um pedaço de céu velho sobre esses desconchavos!

***

Por estas e outras é que o Calixto e o Luiz, os dous caricaturistas mais vadios debaixo do sol, perpetraram ha annos os versos e a musica de um cordão sui generis:

«As maripôsa vão pelo á,
São côr de rosa, de listra azues,
Queimam na luz as azas flébel
Despois não póde mais avuá

Nós hemos feito as maripôsa,
Aves medrosa, pobres criança,
Os predilecto carnavalesco
Que faz as glorias do carnavá!

Vamos contentes, bellas morenas,
Vamos serenas a demonstrá
Que as maripôsa, flôres amenas,
São o plenilunio do carnavá!»

Essa troça ficou celebre na Avenida Rio Branco, onde logo se formou um cordão colossal que cantava em côro a poesia sob a regencia do saudoso João Phóca.

Um pic-nic na Crémerie Buisson

Promovido pelo *Bloco Pé de Columna*, composto das senhorinhas Darcilia Leandro Martins, Sylvia Navarro, Cecilinha Rangel, Ida Teixeira e Mercedes Domingos e pelos srs. Adhemar Dias, o fino chronista de *A Noticia*, Moacyr da Fonseca, Antonio Athayde, T. Herbert Canabarro e Celio Ferreira da Costa, o *pic-nic da Crêmerie* teve um grande exito.

Na politica o carnaval anda um pouco frio. — Talvez inveja da concorrencia...

O certo é que os influentes chefétes, com as proximidades das eleições, estão nas encolhas, escondendo o jogo, para não serem desmascarados.

* * *

Os fanaticos de Momo estão ansiosos pela terça-feira gôrda.

Querem tomar o pulso da instituição nacional, pois ha quem affirme que a crise esfriou o enthusiasmo dos grandes clubs, que mal podem exhibir as suas mirabolantes passeiatas.

As subcripções nos jornaes, em favor dos prestitos, deixam perceber que os tempos bicudos não favorecem essas orgias especlaculosas com que os clubs deslumbraram as multidões.

Oxalá que nos enganemos. O povo gosta tanto dessas passeiatas que fica estafermado nas ruas centraes até alta madrugada, para deleitar a vista com as côres e as luzes e, infallivelmente, fazer o confronto, parte essencial do programma de todos os carnavaes.

* * *

Tudo é alegria insonte nestes quatro dias classicos; mas, francamente, não queremos estar na pelle de quem toma a serio essa brincadeira e chega derreado á quarta-feira de cinzas, com aquelle travo de cabo de guarda chuva na bocca, que se prolonga por uma semana aborrecida a fio.

Salvo os que praticam como o celebre inglez beberrão a quem perguntaram:

— Você, entre uma moafa e uma carraspana, deve sentir o tal gosto de cabo de guarda-chuva...

— Eu? Nunca! Não dou tempo... Quando acabo uma mona, amarro outra...

RAUL

Sonho de uma noite de Carnaval

Lembro: o ruido que ferve e desvaira... o deleite...
A turba immensa... tu passaste e nós sorrimos,
Deslumbrado, confuso e commovido, amei-te
Num minuto supremo, e nunca mais nos vimos!

Nunca mais! desse amor no delirio das ruas
Ficou-me um travo leve, uma doçura atroz:
Não tive as minhas mãos palpitando nas tuas!
Não escutei, sequer, o som de tua voz!

Todo o anno, a recordar-te o brilho, desfalleço.
Em meio a multidão alacre, no tumulto,
De repente, estou só e, pallido, estremeço,
Presentindo que vae apparecer teu vulto.

Sonho de Carnaval, maravilhoso e triste!
Ah! mundos de prazer que em vão imaginamos!
Nunca mais eu te vi! nunca mais tu me viste!
Porque tardas? a vida é breve... nós passamos...

OLIVEIRA E SILVA.

Exposição de Arte e de Historia dos tres Reinados (1808-1889)

AS CADEIRINHAS

OS EXEMPLARES DA EXPOSIÇÃO — A CADEIRINHA DO SECULO XVIII — INFLUENCIA ORIENTAL NA CADEIRINHA BRASILEIRA — O PALANQUIM ASIATICO — A LITEIRA — DESDE OS PALANQUINS DO TEMPO DE THOMÉ DE SOUSA AOS COCHES DE GALA DE D. JOÃO VI E PEDRO I.

Uma cadeirinha no principio do seculo XIX. *(Desenho de Debret).*

Cadeirinha brasileira do seculo XVIII. *(Collecção Guerra Duval)*

A cadeirinha (a chaise à porteurs dos francezes)—de que existem na Exposição quatro exemplares, sendo dois do seculo XVIII, pertencentes aos srs. Fernando Guerra Duval e Sequeira Fritz, e os outros dois ao sr. Galeno Martins — foi, por excellencia, desde o seculo XVI, o vehiculo citadino da dama e do ecclesiastico.

Conduzida por dois homens, lacaios ou escravos, estavam-lhe vedados os longos percursos. Na cadeirinha, as damas iam á missa e á confissão, visitavam-se, transportavam-se aos sarãos e aos theatros. Em todas as aventuras amorosas dos tres seculos em que ella reinou, a cadeirinha apparece e desempenha um papel proeminente de cumplice. Era silenciosa e discreta. Na sua caixa forrada de damasco ou velludo cabia apenas a sua dona. A cadeirinha era o escrinio de uma joia viva. Para resgatar os delictos da sua cumplicidade amorosa, a mulher fazia-se conduzir á missa e ao sermão na mesma cadeirinha em que, occultamente, velado o rosto numa mascara de velludo, se transportava ás entrevistas de amor. Ella era o traço de união entre a paixão profana e a paixão divina. A gravura que reproduzimos, representando a hora da missa em Paris, no reinado de Luiz XV, transmitte-nos a imagem, embora exaggerada em sumptuosidade, do adro do templo de Congonhas do Campo, na hora da missa dominical, com as cadeirinhas e liteiras que esperavam as suas donas, entre as estatuas dos evangelistas esculpidas pelo Aleijadinho. Era o mesmo espectaculo a que podia assistir-se na Lisboa do seculo XVIII, á porta das egrejas do Loreto e de S. Domingos.

Essa cadeirinha brazonada, sumptuosa, forrada de seda, com as portinholas ornamentadas de scenas pastoraes e mythologicas, desapparece das cidades da Europa com os derradeiros cabellos empoados e as ultimas anquinhas. Era o vehiculo da galanteria. O seu reinado extingue-se com a moda dos paniers. No seculo XIX, a cadeirinha despe-se da sua sumptuosidade, decahe do seu esplendor, até extinguir-se. Porém, no Brasil, a cadeirinha perdura, quando já na Europa só era utilisada pelas damas edosas ou para transporte dos enfermos ao hospital. Os calcetamentos pedregosos das ruas, que tornavam incommodo o uso da sége, da berlinda e da traquitana, são o motivo por que só tão tarde — não antes de 1860 — desappareceram das nossas cidades as cadeirinhas anachronicas.

Cadeirinha brasileira do seculo XVIII. *(Colleção Sequeira). Fritz*

CARACTERISTICAS DA CADEIRINHA

Contemporanea da liteira, a cadeirinha distingue-se della radicalmente. A liteira, transportada por mulas, foi o vehiculo das longas jornadas. Na liteira podiam viajar até quatro passageiros. Na cadeirinha, conduzida aos hombros ou a pulso, uma só pessoa. A duena acompanhava a pé a cadeirinha da sua ama. O marido ou o namorado seguiam-na a cavallo. Jamais um homem valido, exceptuando os ecclesiasticos, se serviu da cadeirinha como meio de locomoção. O cavallo foi, nos primeiros dois seculos, que transportou o reinol aventureiro, os fidalgos e os magistrados. Mas o cavallo era um animal raro, de grande custo. As esquadras do reino conduziam, apenas, as montadas dos nobres nas primeiras edades do feudalismo brasileiro. Foi necessario acclimar o cavallo e reproduzil-o para que na velha Bahia feudal de Thomé de Sousa, D. Antonio da Costa e Mem de Sá, pelas ruas ingremes, tropeassem os corseis, montados pelos fidalgos. Suppomos que nessa epoca as damas utilisavam já a cadeirinha, mas uma cadeirinha di-

Um enterro em cadeirinha no principio do seculo XIX. *(Desenho de Debret).*

Um baptisado em cadeirinha, no principio do seculo XIX. *(Desenho de Debret)*

A hora da missa no seculo XVIII — As cadeirinhas e os coches da nobreza.

A cadeirinha européa (Seculo XVIII).

versa da usada na Europa, no seculo XVI, especie de palanquim oriental, introduzido pelos donatarios, que tinham batalhado e governado na India, e que se adaptava admiravelmente ao clima. Essa influencia asiatica perpetuou-se e vemol-a ainda, sobrevivente e flagrante, nos dois lindos exemplares do seculo XVIII que figuram na Exposição.

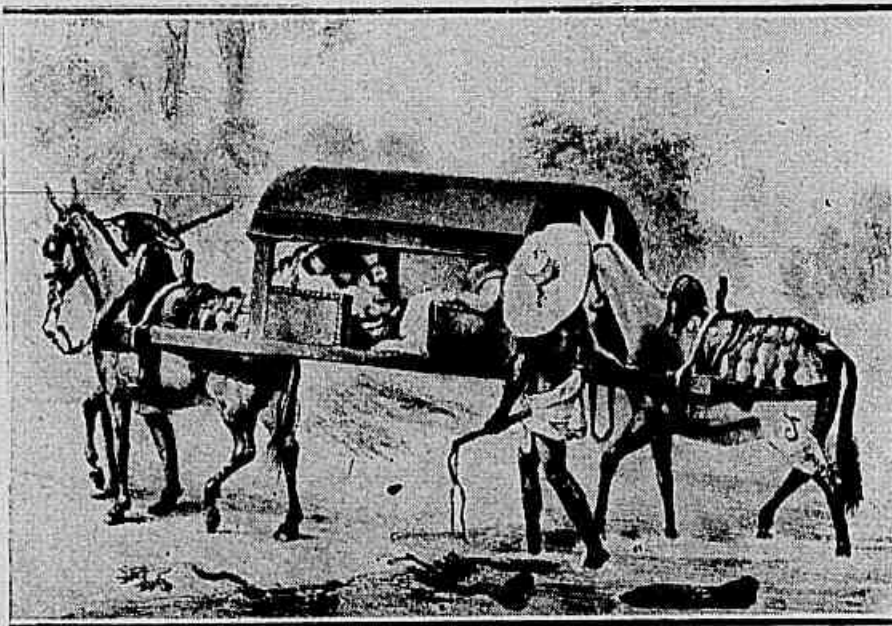
Ao passo que a cadeirinha européa é uma caixa fechada, de tecto movel e suspensa por dois varaes, que os lacaios empunham, a cadeirinha brasileira é um pequeno e gracioso palanquim aberto, com cortinas de brocado ou damasco, que os escravos conduzem aos hombros. O especime da collecção do sr. Sequeira Fritz, unico completo, mostra-nos, com o recorte tão inconfundivelmente oriental da sua caixa, de cupula de pagode, e muito embora o estylo rocaille das decorações, os dois varaes de carga, terminando em cabeças de serpe, reminiscencia dos palanquins de Gôa e de Diu.

As duas cadeirinhas da collecção do sr. dr. Galeno Martins são de outra especie, pertencem a epoca menos remota. A primeira tem o aspecto ecclesiastico de uma cadeirinha de monsenhor, com o docel de damasco vermelho, côr da conezia. Pelo material e a construcção pertence aos primeiros decennios do seculo XIX. Mais moderno ainda é o ultimo exemplar, reproduzindo as formas de um coupé. Com a intelligencia de um collecionador culto, o sr. dr. Galeno Martins reuniu ao seu interessante exemplar uma aguarella representando uma cadeirinha do mesmo typo conduzida por dois pretos descalços e de cartola. O modelo que serviu á aguarella é, porem, mais antigo. Pensamos não errar datando-o de entre 1830 e 1850.

Entre as duas especies de vehiculos, como se verifica pelo confronto das suas reproducções photographicas, ha differenças fundamentaes. E' nos exemplares do seculo XVIII que se observam as careteristicas da cadeirinha brasileira, de inspiração hindú, revelando a influencia dos remotos modelos do seculo XVI. Aliás, os costumes do Oriente asiatico influiram sensivelmente na vida brasileira do primeiro seculo. O turbante da negra da Mina é um inconfundivel pormenor da indumentaria do Oriente. Na Africa occidental, as populações não possuiam quaesquer noções do vestuario. Só na banda oriental, em contacto com os asiaticos, se encontravam os primeiros turbantes mussulmanos, persas e hindús, trazidos para o Brasil.

Cadeirinha em forma de coupé, proveniente da Bahia (1840-1860). Exemplar da collecção Galeno Martins, reproduzindo já o typo europeu, sem vestigio do recorte oriental da cadeirinha brasileira.

A LITEIRA E O COCHE

O coche, pesado, forrado de sola com pregaria de prata ou de talha doirada e ornamentado de pinturas, que desde o seculo XVI era usado pela nobreza de Portugal, só apparece no Brasil com D. João VI. Em 1808, quando o Principe Regente desembarca no Rio de Janeiro, os vehiculos em que a Familia Real é conduzida ao paço da cidade, depois do Te-Deum, são modestas berlindas e séges, atreladas a mulas, com cocheiros e trintanarios pretos. Já, porém, nas festas do casamento do Principe D. Pedro com a Archiduqueza Leopoldina, figuram os solemnes coches de gala, atrelados a cavallos

Exemplar de liteira brasileira.
(Desenho de Debret).

Alter, com lacaios de taboa e de estribeira, sotas e cocheiros de peruca, envergando as fardas vermelhas, agaloadas, da Casa Real, que se vêem na composição celebre de Debret. Esses coches regressaram com a côrte? Parece que sim, pois para o segundo casamento de D. Pedro com D. Amelia de Leutchemberg, o pintor brasileiro Francisco Pedro do Amaral, discipulo de José Leandro e Manoel Dias, que já pintara as decorações a fresco do palacete da Marquesa de Santos, em S. Christovão, foi encarregado de pintar os coches imperiaes. Esses preciosos documentos da Arte e da Historia nacionaes desappareceram na voragem inconoclasta onde tantos thesouros se sumiram. No folheto Explicação allegorica da decoração dos coches de Estado de S. M. o Senhor D. Pedro I, dado á estampa por Francisco Pedro do Amaral, dedicado ao coronel commandante do 2.º esquadrão da Imperial Guarda de Honra, Francisco Gomes da Silva, encontra-se a descripção dos cinco coches de gala: o do Imperador, o coche de Respeito, o do Principe Imperial (Pedro II), o coche de Respeito do Principe e o do Estribeiro-Mór.

Carregadores de cadeirinha na Bahia. (Meados do seculo XIX).

A sumptuosidade das decorações deprehende-se da minuciosa narrativa do pintor. O coche imperial ostentava no painel da frente duas figuras allegoricas: a Gloria e a Magnificencia. A Gloria brandia na dextra o sceptro e sustentava com a sinistra a coróa. A Magnificencia amparava com a mão direita uma cornucopia e erguia na mão esquerda um «cartão ovado no qual se representa a planta de hum edificio de sumptuoza grandeza». de accordo com a Iconologia de Cesare Ripa. Nos paineis lateraes viam-se uma estatua de branco, representando o Genio do Brasil, sustentando na cabeça a cifra de Pedro I, circundada de uma capella de flores; uma pyra em chammas, symbolisando o altar da Patria, circundada pelas 19 provincias do Imperio, ligadas por grinaldas de flores, erguendo

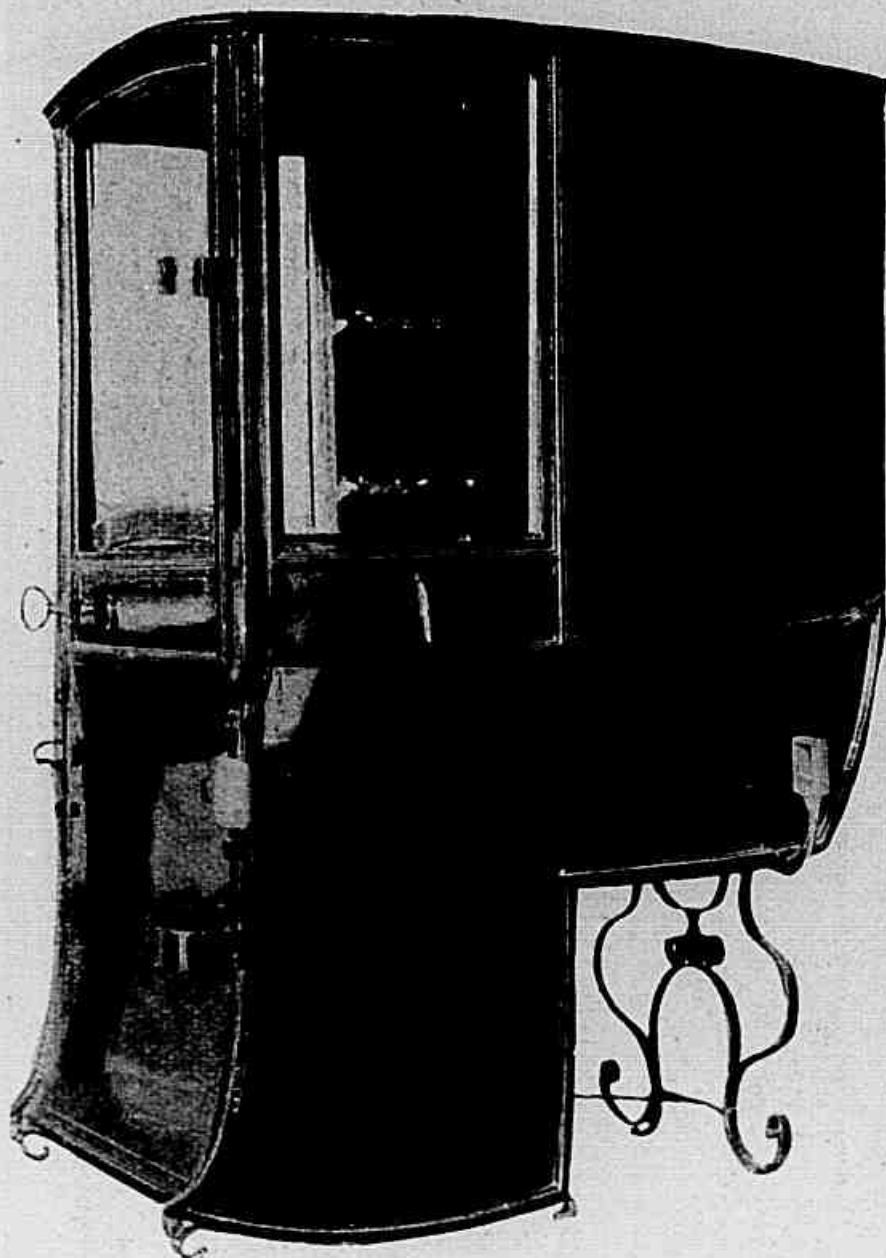
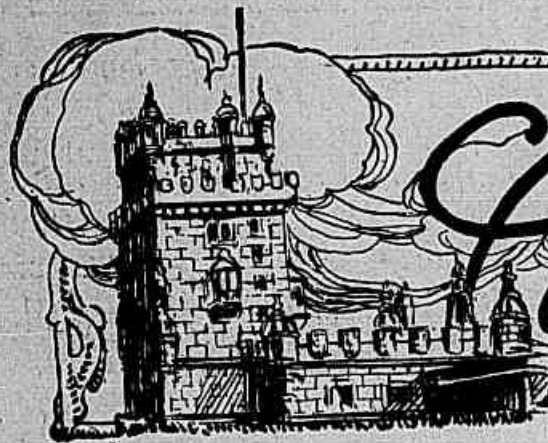
A "vinaigrette" — Cadeirinha de rodas do fim do seculo XVIII.

cada uma o escudo com o timbre e a corôa de louros. Os paineis das portinholas apresentavam a Fama, pousada sobre um globo estrellado e embocando a tuba. Finalmente, no painel do reverso viam-se as figuras da Fidelidade, da Firmeza e do Amor, sendo a ouro o fundo de toda a pintura, guarnecido de arabescos combiantes.

Os outros coches, embora menos sumptuosos, eram egualmente decorados com allegorias entre cercaduras de ouro. O pintor descreve-os na sua pequena obra com as mesmas minucias narrativas, dando-nos a interpretação dos symbolos de cada painel e figura; e sabemos pelas correspondencias e memorias dos contemporaneos que as carruagens do cortejo nupcial, que ainda serviram na coroação de Pedro II, causaram funda impressão pelo seu fausto.

Dos coches de Francisco Pedro do Amaral resta, apenas, o painel de uma das portinholas, que figura na Exposição (collecção Santos Lobo) como tendo pertencido a um dos coches de D. João VI.

Esses objectos historicos, entre os quaes não devemos esquecer os brazões em prata das braçadeiras dos carregadores de cadeirinha da casa do conde da Lage, representam documentos os mais preciosos para a reconstituição dos antigos costumes nacionaes.

Cadeirinha de um ecclesiastico. Principio do seculo XIX (Collecção Galeno Martins).

Cartas de Lisboa

MINHA AMIGA

Mando-lhe n'este correio um livro que lhe peço para lêr com attenção: «Os que se divertem». Assigna-o uma mulher — Luzia, pseudonymo sob que se esconde uma senhora muito conhecida na sociedade lisboeta. Nada ha n'elle de feminismo, ou pensamentos de combate. Alem do valor real d'essa obra, cheia d'observação, de espirito, de dôce ironia, ha ainda a admirar a encantadora audacia d'uma mulher que não hesita em descrever o mundo onde vive, aliás sem uma nota d'azedume, nem um só grito d'aspera vingança. Guia a sua penna uma ironia galante, irmã d'aquella que Gyp — a grande escriptora franceza — usa nos seus livros tão cheios de vida e de encanto.

Queria contar-lhe mil coisas de Portugal; mas, como já lhe disse ha dias, em Portugal tudo se passa em Lisboa, e em Lisboa tudo se resume na politica.

Agora, n'este fim de Novembro que corre brando e claro, cahem as folhas e os ministros, com a mesma facilidade. Ha pouco sobraçava a pasta da Instrucção Julio Dantas, que o Brasil tanto conhece, e já ha dias elle cahiu, com o seu Ministerio, a que elle chamava espirituosamente — um accidente de trabalho. Julio Dantas desappareceu com a elegancia que reconhecemos nos seus escriptos. Um sorriso d'ironia dôce, um olhar mais profundo, um erguer d'hombros leve; e retomou o seu infatigavel officio. Officio, sim, minha Amiga. Não se lembra de ter ouvido repetir as palavras d'um Rei — que Rei seria? tantos temos conhecidos e tantos desapparecem, na morte ou no exilio, — um Rei que dizia para os seus subditos: «N'este trabalhoso officio de reinar»...

Sómente, para que fossem eguaes perante as leis e a justiça, devia existir para os que dirigem um paiz — rei ou presidente — a mesma lei dos accidentes do trabalho. Morto ou ferido no seu duro officio, devia a familia beneficiar d'essa protecção, que até agora só vae até os humildes artistas que construem as nossas casas. E' esta lei da egualdade que levou Paulo Osorio, jornalista portuguez ha muito estabelecido em Paris, a escrever um artigo cheio de dignidade em resposta ao discurso de Monsieur Poincaré sobre os mortos da «grande guerra». Mr. Poincaré lembrou os soldados francezes; depois, um a um, enumerou os paizes alliados que batalharam ao lado da França — referiu-se mesmo aos soldados allemães, victimas tambem da guerra — e esqueceu os nossos pobres serranos, os humildes, os fortes serranos, sóbrios, obedientes, ardentes no combate, que abandonaram o seu paiz quente e lindo, as suas casas, as mães, para batalhar na fria Flandres sem agasalhos nem confortos, por uma razão para elles desconhecida.

Ah, pobres soldados portuguezes! Bastantes vezes vos lembrei, bastantes bailados se organisaram na pura intenção de vos mandar camisolas de lã, luvas e quentes barrêtes. Depois, as senhoras escolhiam veludos e sêdas para os seus vestidos — como é natural — inventavam-se toucados originaes, sapatos inéditos, com os quaes se forjavam passos leves e miudinhos entre os bastidores que representavam ora uma floresta maravilhosa, ora um salão sumptuoso.

Sómente as sêdas, os veludos, as florestas, os salões absorveram o dinheiro que devia servir para as lãs dos pobres soldados, e estes continuaram a tiritar de frio, sob o céo cinzento da Flandres...

Mas o inverno de 1918 ficou assignalado em Portugal como o mais animado, o mais bello inverno de que ha memoria ha muitos annos. Cantaram-se zarzuelas, representaram-se comédias, dramas, dansaram-se bailados ineditos que Ruy Coelho encheu de musica encantadora, e que marcaram época na sociedade portugueza.

Em 1920 reabriu S. Carlos, e foi este o acontecimento sensacional nos meios elegantes. Longos dias se discutiu se seria bien porté tomar assignatura, ou se deveriam, como ha annos, fazer gréve contra a opera. Mas passára já a phase que mantivéra a côrte e a aristocracia — e aquelles que pretendem fazer parte d'essas classes — n'um amúo triste. Todos chegaram á logica conclusão que elle não tinha razão de existir. Acudiu pois o publico a S. Carlos, sem mesmo pretender saber o nome dos cantores escripturados, nem as operas que por elles seriam cantadas. Todos os dias havia novas surprezas ou, para melhor dizer, novas desillusões. Só uma coisa restava da tradição que envolvia os aureos tempos da opera — a abertura do theatro com a velha, a demodada obra de Verdi: «a Aida». Mas o que desagradaria a qualquer amador de bella musica pareceu aos antigos frequentadores de S. Carlos uma radiosa promessa, o renovamento d'aquellas noites que se poderiam gravar a oiro na historia do theatro, e em que fulguravam os nomes da Patti, Mazzini, Tamagno, os reis do bello-canto, e mais perto de nós Caruzo, o admiravel, e tantos outros que foram a maior gloria do seculo passado.

Mas, ai de nós! Subiu o cambio, baixaram as vozes, e hoje só chegam até Lisboa os artistas a quem a má sorte persegue e que no começo da opera lyrica, ainda não obtiveram contracto.

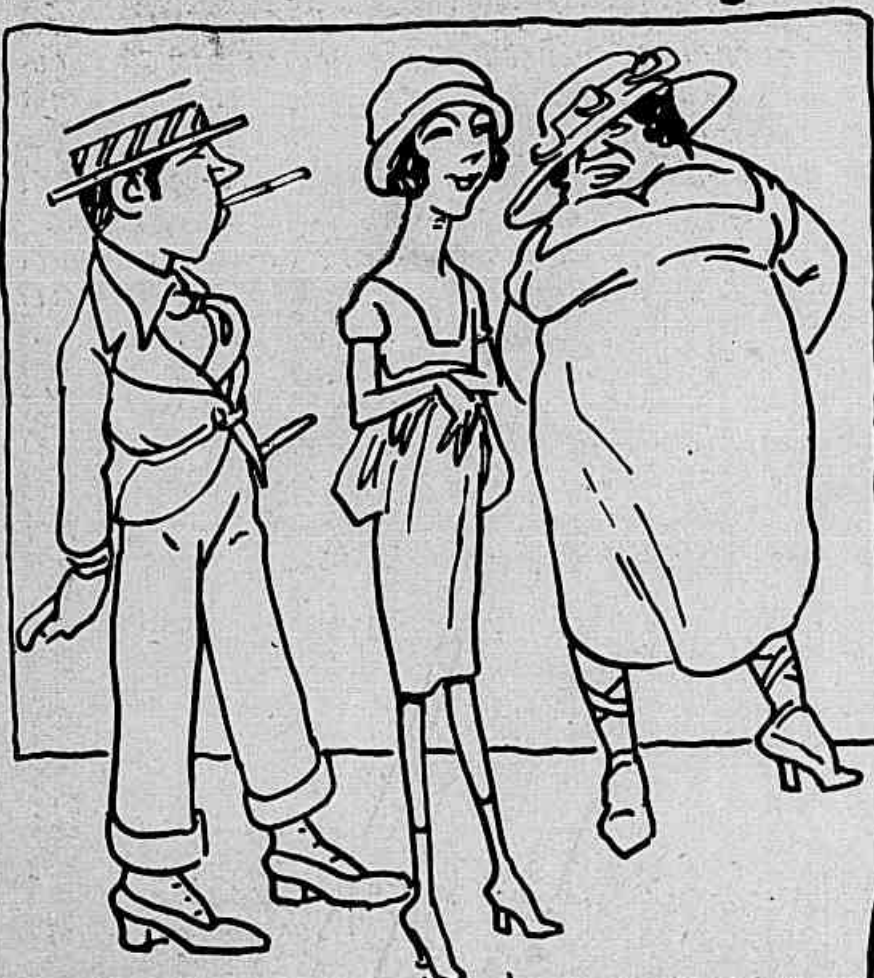
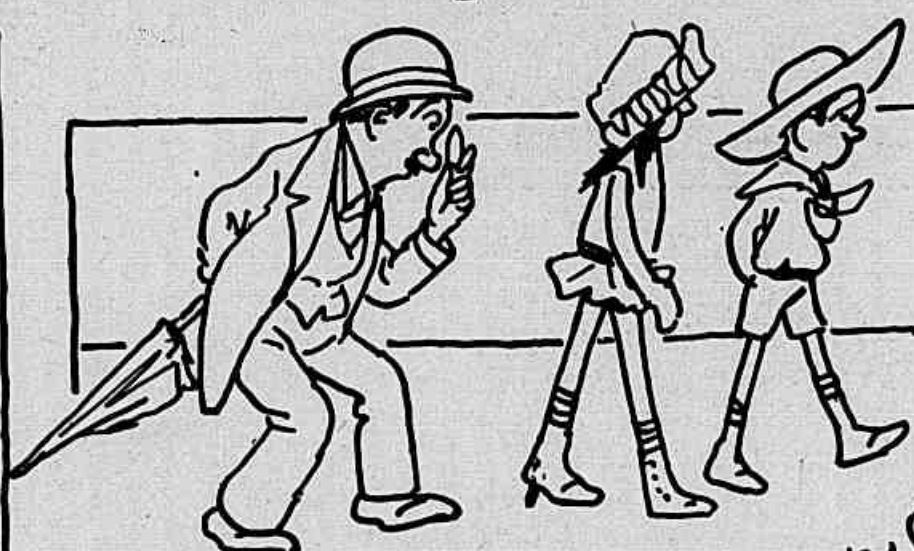
A platéa do nosso primeiro theatro ouviu com indifferença a desafinação dos córos e a deficiencia das primas-donnas. Vai longe o tempo em que em S. Carlos se formavam partidos e estes se gladiavam pelo amor da sua dama. Assim succedeu nas proximidades de 1842 entre os admiradores de Boccabadati e Barili. A lucta entre os dois grupos continuou durante mezes, féra e dura, chegando d'uma vez a Barili a ameaçar um dos seus pateantes de que lhe faria engulir a sua sombrinha. Catarina Barili foi a mãe de Adelina Patti, que nasceu em Madrid, logo depois da estada de Barili em Lisboa, chegando a affirmar-se ser seu pae um conhecido dilettante portuguez.

A incomparavel Rosina do «Barbeiro de Sevilha» veiu a Lisboa escripturada por Valdez, e cantou com a mesma facilidade a gorgeante partitura de Rossini e o tragico soprano da Carmen. Hoje, minha Amiga, a escola franceza tem a preferencia sobre todas as outras, e quem não ouviu Beil cantar o Werther na Opera-Comica de Paris não póde ter sentido o frisson das grandes emoções d'arte.

Admirava-o eu, suspensa da sua feia bocca, ouvindo-o cantar o dilacerante adeus á vida e a Carlota quando me prendeu a attenção uma conversa entre duas senhoras hespanholas perto de mim; mãe e filha, talvez: — Agrada-te isto? perguntava bocejante a mais velha. E a outra com gesto de enfado: — A mi me gusta mas los caballos en el circo, y lo cinema...

Como vê, minha querida, os gostos são diversos, diverso o sentir. Só eu não deixo de ser a sua fiel amiga

CLARINHA.

Pernas, para que vos quero?...

Os films que se esperam

"Sua casa em ordem"

(Extrahido da famosa comedia do mesmo titulo, original do celebre escriptor inglez Arthur Pinero.)

Encenação da PARAMOUNT-ARTCRAFT — Protagonista: ELSIE FERGUSON

NINA Graham, *uma jovem e encantadora ingleza, tendo ficado orphã e absolutamente sem recursos, acceitou o logar de governante na casa do deputado* Filmer Jessen. *Que triste lhe parece alli a vida e quão diversa da que tinha em sua casa modesta mas feliz!* Filmer Jessen *é um asceta de maneiras glaciaes e immutaveis;* Annabelle, *sua esposa irreprehensivel, só se preoccupa com a respeitabilidade da casa.*

Vivem tambem alli o jovem Derek, *filho do casal, e* Hilario Jessen, *irmão de Filmer e agente consular. A familia de* Annabelle *(os* Ridgley*) não mora alli mas alli está a toda a hora como em sua casa; e todos se combinam para tratar* Nina *com a mais insultante frieza, como se se empenhassem em tornar sua missão desagradavel.*

A pobre orphã passa alguns mezes d'essa existencia tecida de dissabores e humilhações.

Uma noite ella vê Annabelle *dirigir-se com seu filho á garage e, tomando um automovel, partir rapidamente pela ampla alameda do parque. Lembrando-se de que o portão está fechado,* Nina *corre com o chauffeur gritando para que* Annabelle *se detenha. Mas seus gritos não são ouvidos e, na meia luz, o automovel vai esbarrar brutalmente no portão. A esposa do deputado morre instantaneamente e seu filho fica apenas ferido.*

Apoz algum tempo de viuvez, Filmer *faz uma breve corte a* Nina *e desposa-a; mas pouco dura seu amor. Em pouco impressionado pelas intrigas da familia* Ridgley, *o deputado começa a censurar* Nina *porque dá mais attenção a* Derek, *perde mais tempo em brincar com o menino do que em fiscalisar os criados e, por fim, resolve mandar chamar* Geraldina, *uma irmã de* Annabelle, *para que ponha sua casa em ordem.*

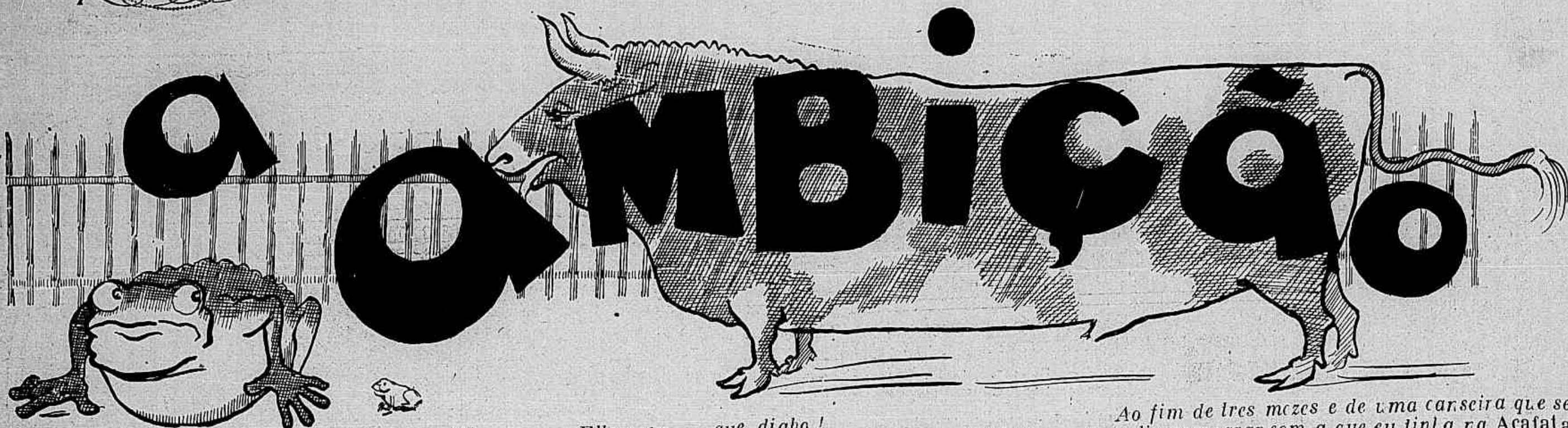
Volta a casa a ser um inferno para Nina*; a ex-cunhada de seu marido não perde uma só occasião para atormental-a e a situação chega a tal extremo que, tendo* Filmer *resolvido realisar solemnemente a inauguração de um monumento á memoria de sua primeira esposa,* Nina *recusa comparecer a essa ceremonia e escandalisa toda a familia* Ridgley *apresentando-se exactamente nesse dia vestida como para uma festa.*

Mas o acaso traz ás mãos de Nina *um maço de cartas, que provam não ser* Derek *filho de* Filmer, *mas de um official, que frequenta a casa com intimidade. O official, sabendo que* Nina *descobriu esse melindroso segredo, pede-lhe silencio.* Hilario *assiste a essa conversa sem que* Nina *o perceba. E nesse momento ouvem-se gritos angustiosos. O joven* Derek *afogou-se accidentalmente e, vendo seu corpo, que transportam para casa,* Nina *corre a seu encontro esquecendo as cartas.*

A' noite, quando ella está só, Hilario *traz-lhe as cartas e pergunta-lhe o que vai fazer. A resposta de* Nina *é simples. Atira ao fogo os denunciadores documentos. Mas* Hilario *consegue salvar alguns e levando-as ao irmão destróe para sempre a influencia dos* Ridgley, *abrindo a* Nina *horizontes de uma felicidade segura e tranquilla.*

Meu marido não é máu, mas eu creio que elle não me comprehende.

Filmer começa a desconfiar de que seu casamento foi um erro.

O escandalo que causa ao deputado vêr uma mulher fumar.

NUNCA fui ambicioso. A minha carreira tinha sido singella e banal como a da agua de um ribeiro de beira-mar. Comecei por primeiro funccionario de uma loja de louças — a Açafata de Porcellana. Era o primeiro porque era o que primeiro devia estar a pé para varrer o chão, os papeis, os cacos, as mesas; era o primeiro chamado quando havia algum recado ou entrega a fazer; era o primeiro a levar cascudos do patrão quando elle chegava de máu humor.

Assim vivi vinte e cinco annos, submisso ás ordens do patrão, do socio do patrão, do guarda-livros sr. Guedes e dos caixeiros sr. Vaz, sr. Gil, sr. Valle e sr. Juca.

Um dia, por signal de noite, um collega meu da loja de ferragens Pindella & Pimentel, do Becco da Manducaba, fez-me signal de que havia coisa importante a tratar. Eu sabia que entre os collegas eu gozava certo prestigio, certamente devido á minha longa pratica de vinte cinco annos de varredura e recados, mas justamente aquelle, o Sebastião, chegado ha oito mezes de Pindamonhangaba, era o que muitas vezes me arreliava com uns ditos que eu nem sempre entendia, mas que muito me desagradavam.

Quiz primeiro desattendê-lo; mas elle proprio se approximou com tantas artimanhas que afinal nos sentámos ambos nos degraus da porta da minha firma, isto é da casa que eu varria.

Ninguem alli podia ouvir-nos e o Sebastião começou logo por indagar se eu era ambicioso.

Assim vivi vinte cinco annos

Não comprehendi a intenção; nunca tinha pensado nisso e pareceu-me que elle recomeçava uma das suas. A minha vontade foi perguntar-lhe o que tinha elle com isso; o Sebastião, porem, não me deu tempo e continuou:

— Homem, esta vida assim não póde continuar. Nós a servir sempre, elles sempre a mandar com os humores com que veem em cada dia regalarse nas unicas cadeiras da loja, a contar bons cobres, emquanto a gente aguenta o dia inteiro, com os pés inchados de estar sempre em cima d'elles, e com os fardos em cima de nós.

— Eu, sôr Eufrasio, continuou o Sebastião, sei tão bem como elles como se faz negocio, sei ler e escrever e contar e... tivesse eu o capital... tivesse-o eu!

Dahi o Sebastião derivou para o plano de formação de uma firma com pequeno capital, com uma casa de portas abertas, abarrotada de mercadoria até á rua, muita clientela, toda puxada da Açafata de Porcellana, que era a minha firma, e do Pindella & Pimentel, que era a delle.

Tudo era tão facil com dois homens de trabalho como eu, com a minha experiencia, e elle que tinha estudos e aquella imaginação...

Realmente eu nunca tivera tal ideia e o plano do Sebastião pareceu-me bom.

..sei ler, escrever e contar.

Elle e eu... que diabo!

Ao mesmo tempo a coisa parecia-me phantastica... Decididamente era preciso ser ambicioso como o Sebastião.

— Pense nisso, sôr Eufrasio, concluiu elle com as boas-noites.

Mas já eu começava a cogitar no caso, com tanta febre que tão depressa a empreza me parecia simples qual o soprar a luz da minha vella, como arriscada e semelhante á de trepar ao Pão de Assucar pelo lado do mar.

Nunca em vinte e cinco annos tivera, na minha carreira, problema tão difficil de resolver.

Dahi em deante o Sebastião não me largou mais e todas as noutes, á mesma hora, lá estavamos ambos nos degráus da Açafata, eu escutando e elle tratando da organisação da firma como se ella já existisse. Por fim já eu tambem comecei a interessar-me ao ponto de haver divergencia nas opiniões. Eu queria negocio de louças para fazer concorrencia á Açafata, mas o Sebastião preferia o negocio de ferragens como o de Pindella & Pimentel. Afinal tudo se aplainou, e ficou decidido que a nova firma seria de transportes a domicilio, que era do que ambos tinhamos grande experiencia.

Na questão do capital o Sebastião mastigou e fez outro discurso vehemente contra os patrões que lhe pagavam só cento e vinte mil réis.

Eu ganhava então cento e oitenta; mas nos vinte e cinco annos estivera duas vezes em Cascadura no verão e juntara na Caixa Economica quinze contos, trezentos e quarenta e oito mil e trezentos réis. O Sebastião afinal, coitado, confessou que só tinha seiscentos e vinte mil réis e um relogio de prata.

A ideia porém tinha sido delle e, com franqueza, sabendo elle ler e escrever e fazer contas... eu sem elle senti que era o mesmo que continuar a varrer a Açafata de Porcellana.

Finalmente em outubro os patrões da Açafata

OS CASCUDOS DO PATRÃO

o Guedes, o Vaz, o Gil, o Valle e o Juca e tambem o Pindella & Pimentel ficaram assombrados quando nos viram tomar de renda, mesmo alli defronte, na esquina da rua Senador Jequitibá, uma loja que abriu as portas vermelhas e nos apresentou á clientela carioca, pela nossa taboleta em grandes letras amarellas, dizendo:

OS FAISCAS — SEBASTIÃO & C. — TRANSPORTES

Tudo fôra feito pelo Sebastião, a quem eu tinha entregue para a installação e movimento cinco contos de réis.

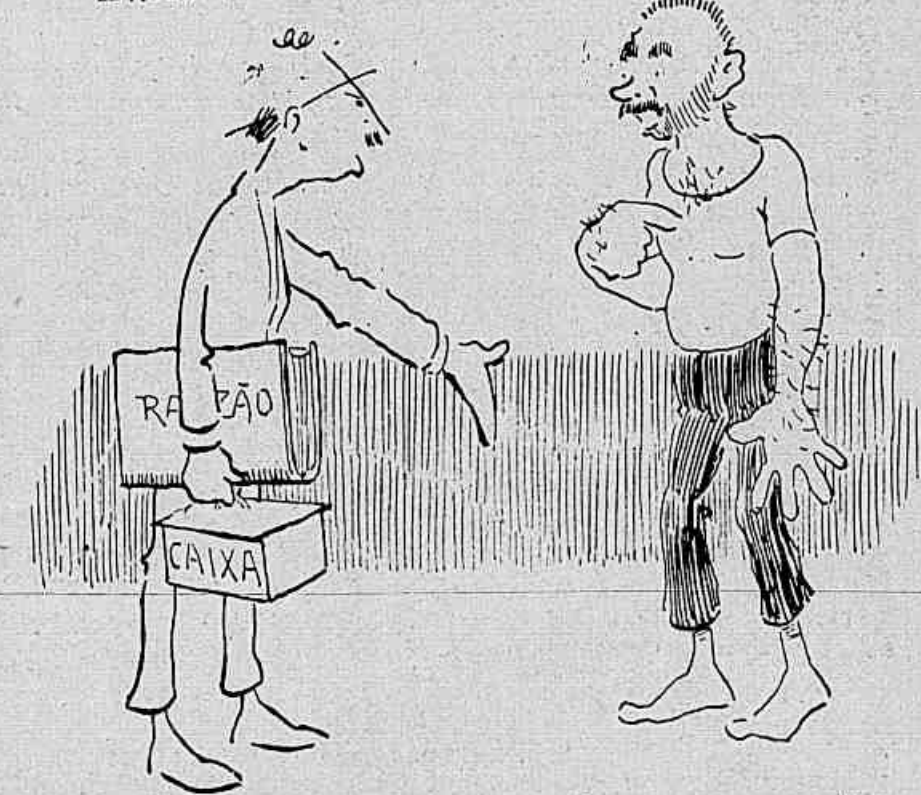
Realmente elle era admiravel de actividade. Dava as ordens e pagava as contas com uma certeza de negociante consagrado. Ainda não tinhamos feito serviço algum e já eu concordava em que o Sebastião devia ficar como gerente, no escriptorio que elle mandara compôr para attender os chamados: O Bento, assalariado, tomaria conta das carroças.

Suei muito, emquanto o Sebastião fazia as contas da firma; suei as cataractas do Iguassú e quando á noite, derreado, arriava o corpo num caixote, do lado de fóra do escriptorio do Sebastião, e depois de fechadas as portas enxugava a testa nas costas da mão, o Sebastião quasi sempre exclamava:

— Sim senhor, dia bom o de hoje... Tive um lucro de cento e vinte e quatro mil e oitocentos réis.

Ao fim de tres mezes e de uma canseira que se não podia comparar com a que eu tinha na Açafata de Porcellana, lembrei ao Sebastião que era bom fazer contas de fim de anno. Ahi é que a bomba rebentou.

Contas! pois então não era elle o gerente, o caixa, o guarda-livros, o patrão afinal?! Contas! era desafôro! Elle a trabalhar todo o santo dia, a aturar clientes, pedidos, reclamações, a fazer pagamentos, a contar, a escrever tudo em beneficio da firma para no fim um empregado lhe pedir contas.

Então o Sebastião atacou a sucia de emprega-

...tem de entrar com outros cinco contos...

dos que eram sempre uns animaes, que não sabiam caminhar sem governo, não tinham uma ideia para o desenvolvimento da firma e exigiam contas.

Fiquei pasmado e, deante da oratoria do Sebastião, só me lembrou perguntar pelos meus cinco contos, com que eu entrára para a firma.

— Os seus cinco contos! Você sôr Eufrasio é espantoso. Você então imagina que o gerente não havia de ganhar coisa nenhuma, o guarda-livros trabalhava de graça para o sôr Eufrasio, o caixa idem, o continuo na mesma...

E' boa! e pagando a toda essa gente todos os mezes, pontualmente para firmar o credito da firma, o sôr Eufrasio queria que os seus cinco contos fossem eternos!

— Mas então, sôr Sebastião, o sôr é que é tudo isso e o meu trabalho, esta estafadeira de todos os dias, esta lucta?!...

— Ora, não me venha com essas, sôr Eufrasio. Você como socio da firma Sebastião & C. queria que eu lhe pagasse como ao Bento cinco mil réis por dia... Pois não haja duvida. As contas mostram ainda um saldo a meu favor de quatrocentos e trinta mil réis. Para a firma viver outros trez mezes tem o sôr Eufrasio de entrar com outros cinco contos e nas mesmas condições.

Passei outra noite como as do periodo da formação da firma.

O maroto do Sebastião tinha razão mais aquella vez, porque por mais que eu magicasse as contas davam certo, pois se elle era o gerente, o guarda-livros, o caixa... tudo emfim na firma e eu era como o Bento...

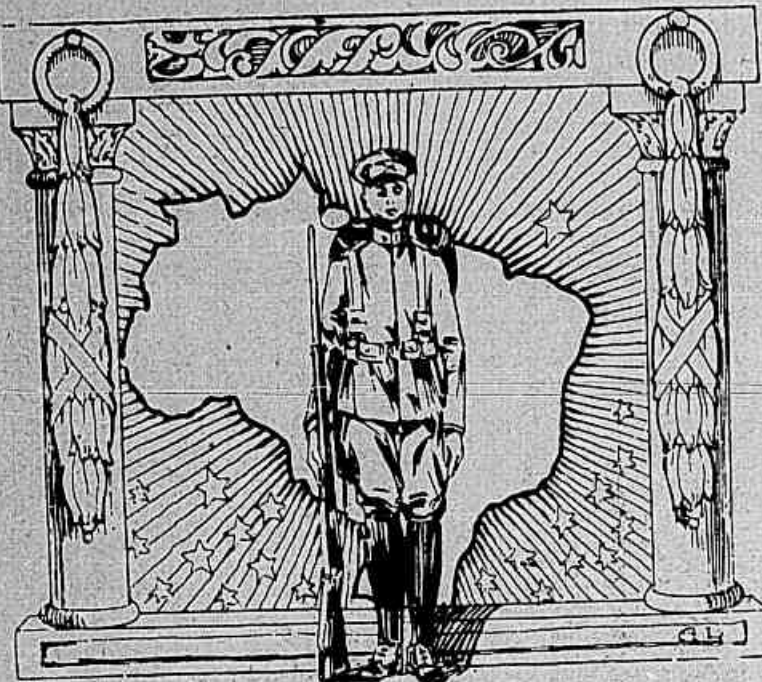
Mas então, sociedade de Transportes, com o Sebastião que sabia fazer contas, era uma ruina, uma calamidade!

No dia seguinte eu estava na Açafata de Porcellana de novo a fazer recados e d'ahi a oito dias vi que faziam penhora dos FAISCAS e que levavam preso o Sebastião... tambem nunca cheguei a descobrir porque!

(Texto e illustrações de HUGO)

A penhora

HESPANHA EM PETROPOLIS

O baile á fantazia da Senhorinha Dulce Liberal

O veto á lei de fixação das forças de terra

Pela primeira vez, em toda a nossa vida administrativa, que se abeira de um seculo, foi vetada a lei de fixação das forças de terra. Todos os diarios publicaram o notavel documento em que o sr. Presidente da Republica expoz, á Nação e ao Congresso, as razões que lhe vedavam sanccionar a referida lei.

Ninguem que haja lido tão brilhante arrazoado juridico deixará de applaudir o acto patriotico do sr. Presidente da Republica.

As leis de fixação, tanto de terra como de mar, ao invés de se limitarem ás regras constitucionaes, têm servido, de anno a anno, de vehiculo a disposições que alteram fundamente o organismo militar e naval da Nação. Perdiam assim o seu caracter constitucional, para se tornarem exemplo frisante de que o Congresso não respeita a nossa lei fundamental.

Na discussão e votação da precitada lei annual, realizadas nos ultimos instantes das sessões legislativas do anno passado, addicionaram-lhe varias disposições que apadrinhavam interesses individuaes ou iam modificar, de maneira radical, o programma technico de remodelação do Exercito, que vem sendo estudado, aliás com a approvação e os applausos do proprio Congresso, pela Missão Franceza e o Estado-Maior.

Outras medidas, contidas na mesma lei, elevavam a despesa de alguns milhares de contos, em momento de sérias difficuldades financeiras, como intuito de favorecer certa classe do pessoal do Exercito. O Congresso esqueceu-se, assim procedendo, de que a Nação precisa realizar grandes sacrificios para organisar a sua defesa, construindo aquartelamentos, alargando fabricas e arsenaes, adquirindo material bellico. Toda despesa, que se não destinar a esses fins, será em pura perda, ou sem nenhum proveito para o fortalecimento do Exercito e da Nação.

O acto do sr. Presidente da Republica echoou com geraes applausos no seio do Exercito. S. Ex. demonstrou, mais uma vez, o desejo de notabilisar o seu periodo governamental enfrentando, com evidente animo de resolvel-o, o problema da defesa nacional.

Na Escola Militar

No corrente anno entram em vigor, em todo o Exercito, os novos regulamentos tacticos, que enfeixam as licções da guerra européa. O commando resolveu, por isso, substituir os esforçados instructores da Escola Militar, que haviam dado provas de alta competencia, por outros officiaes, escolhidos entre os que praticaram a nova doutrina e os novos methodos, e melhores notas obtiveram, durante o anno passado, na Escola de Aperfeiçoamento. As nomeações recahiram em tres nomes brilhantes: capitão Pantaleão Pessoa, da artilharia; Milton de Freitas Almeida, da cavallaria; Outubrino Pinto Nogueira, da infantaria.

Os ex-instructores, aos quaes a Escola deve notaveis progressos em sua instrucção profissional, matricular-se-ão nas Escolas de Aperfeiçoamento e Estado-Maior, onde praticarão a doutrina dos novos regulamentos.

Capitão X.

Na Escola de Aviação Militar

Os novos pilotos, que concluiram o curso na Escola de Aviação Militar.

Com a presença das mais elevadas autoridades militares — ministro da Guerra, chefe e sub-chefes do Estado-Maior, general Gamelin — e grande numero de officiaes, realizou-se, no Campo dos Affonsos, a distribuição dos diplomas a 7 novos pilotos-aviadores. São elles os sargentos Antonio Alves Filho, Sylvio Canisares Veiga, Heraclito Teixeira da Silva, Raul Dinoá Costa, Romualdo Leal Vieira, Armando Palicier e João Moraes Pereira Pinto. Com mais esta turma será possivel organizarem-se as primeiras esquadrilhas de aviação.

Prepara-se, na mesma Escola, em apparelhos Bréguet, um raid directo entre Rio e Buenos Aires, no espaço de 24 horas. O avião Bréguet póde voar, durante 10 horas, com a velocidade de 180 kms.

Para a viagem Rio - Buenos Aires, basta uma só aterragem, em Porto-Alegre, para a renovação da carga de oleo e gazolina.

A BATALHA DE CASEROS — 3 DE FEVEREIRO DE 1852

Causas da Guerra — A guerra contra Rosas era uma fatalidade historica. Os estadistas do Imperio haviam procurado, por todos os meios, accordos, tratados, convenções, resolver as velhas questões que herdaramos do tempo colonial.

Os interesses politicos, economicos e territoriaes do Brasil exigiam que o Uruguay e o Paraguay se conservassem livres; que os limites fronteiriços com o Uruguay fossem os de 1801, reaffirmados no acto de incorporação de 1821; que a nossa bandeira pudesse livremente navegar no Prata, sem o que não teriamos communicação com Matto-Grosso. Por outro lado Rosas, que se oppunha aos nossos interesses, premeditava reconstituir o vice-reinado do Prata, atirando-se depois contra o Rio-Grande, ainda mal unido ao Brasil em consequencia da longa e sangrenta revolução dos Farrapos. Só a guerra poderia conseguir o reconhecimento do nosso direito e a conquista dos objectivos da nossa elevada politica.

O Brasil alliou-se com Urquiza e com o governo da praça de Montevidéo, ha dez annos sitiada pelo general Oribe, preposto de Rosas.

Operações da Guerra — As operações iniciaram-se no Estado Oriental. A nossa esquadra, sob o commando de Greenfell, dominando o Prata, conseguiu isolar Oribe de Rosas. O primeiro, constantemente batido, capitulou em 11 de Outubro de 1851. O Uruguay voltava a ser, pelo nosso esforço e dos alliados, nação independente. Com ella conseguimos negociar os nossos justos limites. Era a primeira consequencia favoravel que nos trazia a guerra, tão mal apreciada por alguns brasileiros.

Restava o tyranno Rosas. Nova convenção militar e politica, negociada entre o Brasil, Urquiza e o Uruguay, resolveu que as operações seriam levadas a effeito dentro do proprio territorio argentino, onde Rosas mantinha seu omnipotente dominio.

Urquiza foi nomeado commandante em chefe. A politica imperial, conferindo a Urquiza essa alta dignidade, e pondo á sua disposição forças brasileiras e orientaes, pretendia desnacionalizar a guerra. Ella tomava assim o caracter de uma contenda interna, em que se tratava de derrocar o poder de um usurpador, contrario aos interesses dos argentinos e das nações visinhas.

O exercito de invasão, sommando 28.000 homens, concentrou-se em Diamante. Delle faziam parte, além das tropas de Corrientes, Entre Rios e contingentes de outras provincias argentinas, uma divisão brasileira de 4.000 homens, sob o commando do futuro conde de Porto-Alegre, e uma oriental de 2.000 homens.

Cruzado o caudaloso Paraná, Urquiza marchou offensivamente, através de Santa-Fé e Buenos-Aires, recalcando varios destacamentos rosistas, que cobriam o grosso inimigo, e, na tarde de 2 de Fevereiro de 1852, avistou-o em batalha do outro lado do arroyo Móron, na lomba de uma cochilha.

A batalha decisiva — A's 9 horas de 3 de Fevereiro, estavam os dous exercitos em presença, formando duas linhas parallelas, separadas por uma distancia de 1.000 metros. O plano de Urquiza consistia no ataque envolvente da esquerda rosista, por uma massa de quatro divisões de cavallaria, composta seguramente de 12 000 cavalleiros, sob seu commando directo; depois, a um signal seu, a divisão argentina de infanteria do coronel Galán marcharia contra a esquerda da infantaria rosista, como guia do movimento de todo o exercito que atacaria na seguinte ordem: a divisão brasileira e a brigada argentina Rivero, ambas sob o commando de Marques de Sousa, o centro de Rosas; a divisão oriental envolveria a direita, para tomar as fortificações da Estancia e do Palomar de Caseros.

Urquiza, montando soberbo corcel, ajaezado de prata e ouro, empunhando lança artistica, como qualquer cabo de lanceiros, lançou-se contra a esquerda de Rosas, tambem

A BATALHA DE MONTE-CASEROS. — Copia de um quadro de J. Adam, existente no Estado-Maior do Exercito.

Conde de Porto Alegre, commandante do 2.º corpo do exercito brazileiro.

formada de esquadrões da mesma arma, e desbaratou-a. No ardor da perseguição dos esquadrões fugitivos de Rosas, esqueceu-se Urquiza do restante do exercito, ao qual não transmittiu uma só ordem.

A's 11 horas, como permanecesse immovel a divisão Galán, Marques de Souza reclamou ordens do major-general Benjamim Virasoro. A divisão oriental, por iniciativa do seu chefe, principiou a marcha de flanco para envolver a direita dos rosistas. O nosso general mediu todo o perigo de tal movimento, assim isolado. E antes que os orientaes, cuja marcha era difficultada por um banhado, attingissem a direita do inimigo, lançou em seu apoio as tres brigadas de infanteria de que dispunha. O ataque, conduzido de frente, com rapidez e energia, foi coroado de mais completo exito. As duas brigadas brasileiras penetraram na posição fortificada, antes que os orientaes atacassem a linha de carretas da extrema direita, tomando a casa de Caseros e o edificio do Palomar, assim como toda a artilheria alli existente. Entrementes, a brigada Rivero atacava o centro. Marques de Souza, depois de destinar um batalhão para guardar os prisioneiros, atacou da direita para o centro, tudo o que resistia na linha inimiga.

A's 13 horas a batalha estava ganha. O exercito inimigo fugia em todas as direcções. Ficaram em mãos dos alliados 7.000 prisioneiros, 56 peças de artilheria, todos os parques, innumeros armamentos e numerosas cavalhadas.

Posições occupadas pelos dois exercitos ao iniciar-se a batalha e o ataque geral dos alliados.

A divisão brasileira, que era um sexto do effectivo do exercito alliado, tomou 2.000 prisioneiros, 34 boccas de fogo, 3.000 cavallos e numerosas carretas.

A batalha foi ganha, incontestavelmente, pela cavallaria de Urquiza, primeiro episodio favoravel; mas tambem, e acima de tudo, pelo arrojo, capacidade e notavel iniciativa do general brasileiro.

Manoel Marques de Souza foi o unico general da batalha de Caseros. Os demais não merecem tão elevada denominação.

CONSEQUENCIAS DA GUERRA — *A victoria de Caseros destruiu o poder de Rosas.*

Desapparecendo o dictador, a Argentina, sob a direcção de Urquiza, recomeçou sua vida constitucional e consolidou sua unidade.

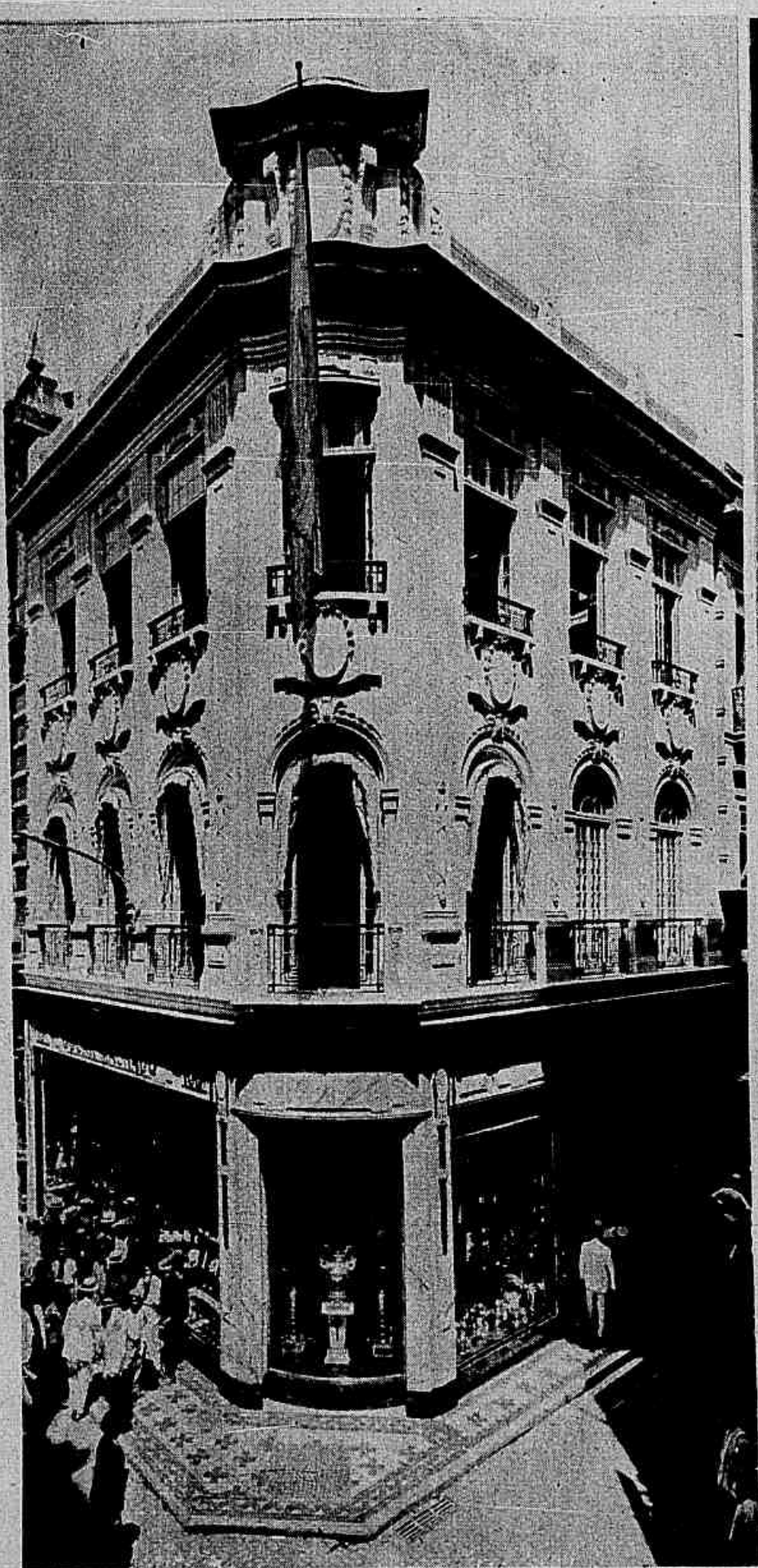
Quanto a nós, conseguimos todos os nossos objectivos: o reconhecimento da independencia do Paraguay; a libertação do Uruguay; os limites que disputavamos; a protecção aos interesses e á vida dos brasileiros habitantes do Uruguay; e a liberdade da navegação no Prata.

Outro tyranno, mais tarde, esquecendo tudo o que fizemos pela independencia do Paraguay, fechou-nos a porta fluvial para Matto-Grosso, e não quiz, na questão de limites, attender aos nossos direitos. Outra guerra, tambem victoriosa, foi-nos imposta. Vencemos. O tratado de paz com o Paraguay, e, posteriormente, o laudo de Cleveland sobre as Missões coroaram a obra da nossa politica. Nossa fronteira do Sul e Sudoeste está definitivamente traçada. Nada mais aspiramos, senão o esquecimento das nossas contendas e a amizade fraternal das nações que nos cercam.

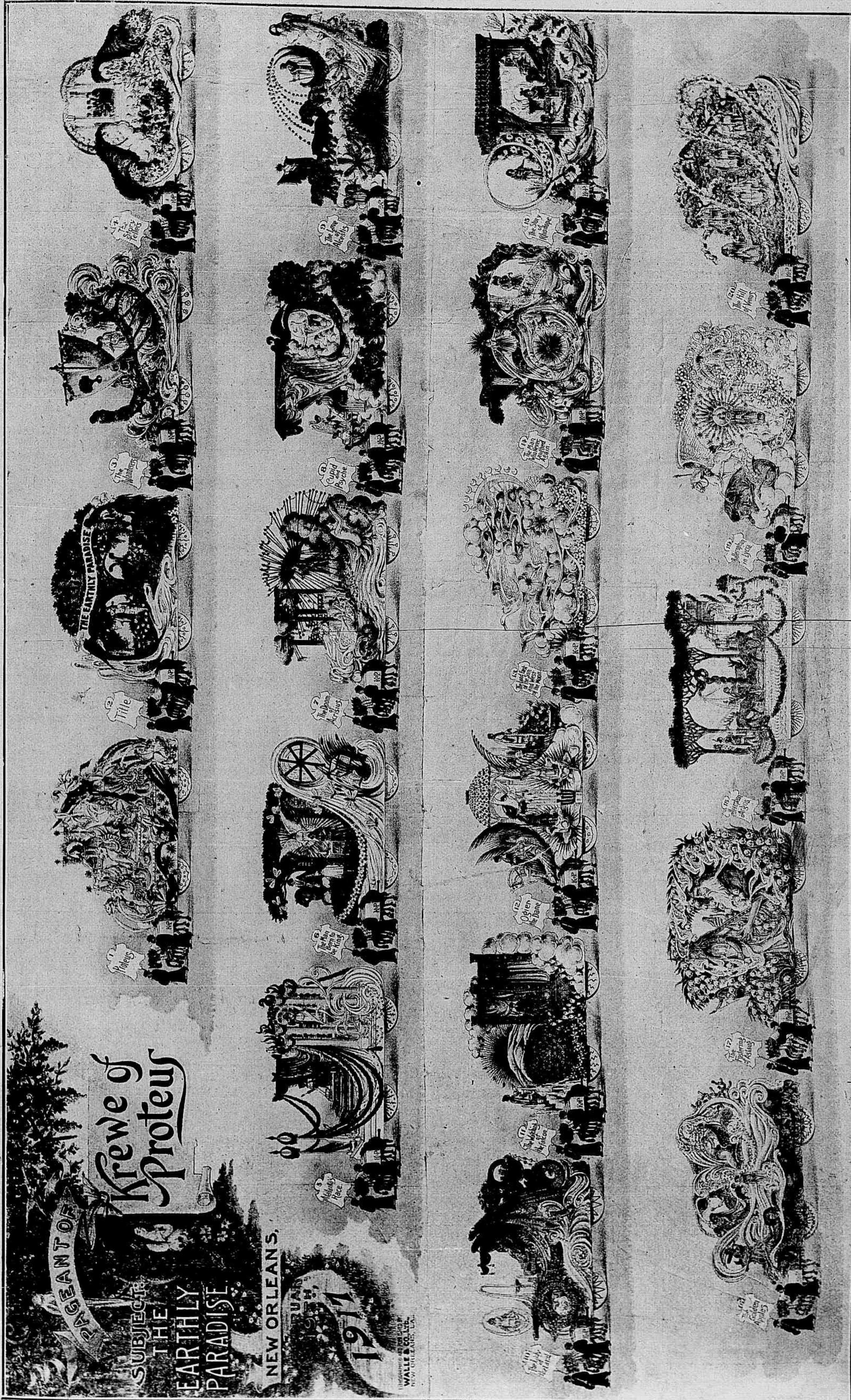
GENSERICO DE VASCONCELLOS.

O baile á fantazia do Club de Regatas Botafogo

A caminho do Rio Monumental

As novas e sumptuosas installações da Joalheria OSCAR MACHADO

A inauguração, na terça-feira realisada, das novas e sumptuosas installações da joalheria Oscar Machado, na rua do Ouvidor, constituiu um acontecimento que não interessa, apenas, a sua clientella elegante, mas que deve considerar-se como uma manifestação do progresso da arte e do bom gosto nacionaes. O novo edificio, construido pelo architecto Armando Telles, vem embellezar a cidade. E' mais uma contribuição para o Rio monumental e um novo attestado do bom gosto impeccavel do commerciante artista. A par de joias preciosas e artisticamente montadas, vêem-se nos salões, em estylo Luiz XVI, da joalheria Oscar Machado, admiraveis porcellanas de Sèvres, de Saxe e da Dinamarca, bronzes de arte, quadros de grandes auctores, baixellas de prata, verdadeiras obras-primas de cinzeladura. Como um authentico museu de arte e do adorno, o luxuoso estabelecimento deve ser visitado por todos os amadores da belleza. Nelle se encontram, seleccionados pelo mais requintado bom gosto, desde o bibelot artistico ás joias mais opulentas, ás perolas de mais puro oriente, ás pratarias de mais maravilhosa cinzeladura.

No dia da inauguração, o sr. Oscar Machado — que se vê no grupo, cercado pela sua familia, seus socios e auxiliares e representantes da Imprensa — foi calorosamente felicitado pelos innumeros visitantes, a quem obsequiou com uma taça de champagne.

O CARNAVAL EM NOVA ORLEANS

Numa das nossas edições anteriores, referimo-nos detalhadamente aos cortejos carnavalescos da cidade de Nova Orleans, capital do Estado da Luisiania. Aqui damos um desses prestitos em 1917, o da sociedade «Proteus» e que obedece ao titulo geral *The Earthly Paradise* (O Paraiso Terrestre).

NOTICIAS E COMMENTARIOS

Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1921

Desfazendo uma obra de intriga e de maldade

Um semanario humoristico reeditou em linguagem grosseira a atoarda absurda, posta em circulação num manifesto por alguns republicanos, em que se apresentava o director da Revista da Semana como propagandista do regime monarchico no Brasil, diligenciando emprestar um significado de **reparação** ao acto da transferencia dos despojos imperiaes.

A accusação era tão inverosimil que a deixámos sem protesto, confiados em que o bom senso dos que a formularam acabaria por impor-lhes a evidencia da sua injustiça. Porém a falsidade cahiu no terreno fertil da calumnia e está medrando. A continuarmos silenciosos, na attitude altiva que tão nobremente condiz com a innocencia, amanhã nos apontariam como os instigadores da revogação do banimento e da transladação, e de ser esta Revista o orgão confesso de uma conspiração contra as instituições republicanas.

Reponhamos, pois, as cousas no seu devido logar. O director da Revista da Semana não escreveu até hoje uma só palavra sobre os assumptos da transladação e da presença do senhor Conde d'Eu e do Principe D. Pedro no Brasil. Os conceitos indebitamente incriminados como materia attentatoria do prestigio do regime republicano foram destacados de artigos assignados por um senador da Republica, um official do Exercito, um alto funccionario do Estado — todos brasileiros, todos insuspeitos ás Instituições. A palavra **reparação**, essa foi pronunciada, como ninguem ignora, pelo sr. Presidente da Republica e repetida pelo sr. conselheiro Ruy Barbosa, unico sobrevivente do Governo Provisorio, que baniu a Familia Imperial, e que numa alocução proferida na Liga da Defesa Nacional — em cuja magoada eloquencia resplandece essa equidade já quasi extra-terrena que o homem mortal só attinge no declinio da vida — a explicou como perfeitamente adequada a um acto que não implica de modo algum o reconhecimento de culpas republicanas.

O exilio foi uma resolução politica inevitavel, verdadeiro imperativo cathegorico numa mudança de instituições, realisado com o criterio magnanimo que a Republica imprimiu a todos os seus actos, de accordo com o nobre theorismo philosophico em que se orientavam os homens mais eminentes que sobresahem nessa pagina da Historia patria.

O nome do director da Revista da Semana apparece, pois, inexplicavelmente, num debate em que a sua presença não se justifica.

Nelle, que nunca se imiscuiu na politica nacional, banindo do programma desta Revista — embora publicação brasileira, propriedade de uma empresa brasileira, com tres Directores brasileiros — os assumptos de politica, os exaltados estão ridiculamente e ferozmente personificando um sentimento nacional de respeito, que elle acata, mas que nunca explorou, atribuindo-lhe a responsabilidade dos conceitos emittidos pelos Deputados e Senadores da Republica que votaram o projecto de lei da revogação do banimento e da transladação, pelo Chefe do Estado, que o sanccionou, por todos os jornalistas que o applaudiram, e accusando-o de pretender desvirtuar as manifestações officiaes e publicas — muito embora elle nunca as tenha sequer commentado. Dir-se-ia que, no empenho de desmoralisar essas manifestações, se procura desviar vilmente sobre a cabeça de uma victima as malquerenças e desconfianças da opinião republicana, apresentando como inspirada por um estrangeiro uma fantasiosa obra de propaganda de um regime para sempre extincto.

Se pesquizarmos no texto redactorial, não assignado, da Revista da Semana, indicios que consintam dar vulto á suspeita iniqua com que se pretende inimisar com a opinião publica esta publicação, apenas encontraremos as provas patentes, irrecusaveis, da injustiça clamorosa dessas suspeitas, volvidas em accusações desabridas e invectivas odientas.

Ha no numero de 1 de Janeiro da Revista da Semana um artigo sobre a Exposição Retrospectiva, do Club dos Diarios, que se poderá atribuir ao seu director. Destacamos desse artigo esta passagem concludente e edificante: «Podem alguns obcecados pretender emprestar á transladação o significado politico de um acto expiatorio. A voz dos sectarios não deverá nunca prevalecer sobre a verdade». No numero de 8 de Janeiro, encontra-se outro artigo, não assignado, com o titulo A apotheose das Patrias aos seus grandes filhos, e cuja auctoria poderia atribuir-se egualmente ao nosso director.

...Porem nesse artigo, descrevendo-se as ceremonias da transladação realisadas em Lisboa, lêem-se passagens como esta: «Não foi diante dos symbolos imperiaes que as tropas da Republica inclinaram as armas... mas perante aquelle virtuoso cidadão coroado, que durante meio seculo fôra o supremo magistrado da Nação Brasileira...» No mesmo numero ha uma synthese do reinado de Pedro II, que termina com estes periodos, que podiam ser subscriptos por um republicano ortodoxo: «Em 15 de Novembro de 1889, o Exercito cumpriu nos destinos da nacionalidade a mesma missão que desempenhara no 7 de Abril de 1831... O Imperador sempre se julgara uma especie de tutor da Nação. A Nação sentia-se capaz de viver sem a tutella imperial e depoz Pedro II».

Como se está provando, não é nos textos redactoriaes, abrangidos pela responsabilidade do nosso director, que se teem ido buscar insidiosamente conceitos e expressões passiveis de interpretação malevola; e ainda agora se reproduzem, atribuindo-as ao director da Revista da Semana, palavras escriptas e assignadas pelo illustre director do Archivo Nacional!

Os nossos leitores habituaes estão sufficientemente instruidos sobre a falta de fundamento dessas accusações inexplicaveis. Nunca emprestámos á presença incidental do senhor Conde d'Eu e do Principe D. Pedro no Brasil uma significação que pudesse representar já não diremos um perigo — o que seria insensato — mas sequer um constrangimento para as instituições republicanas.

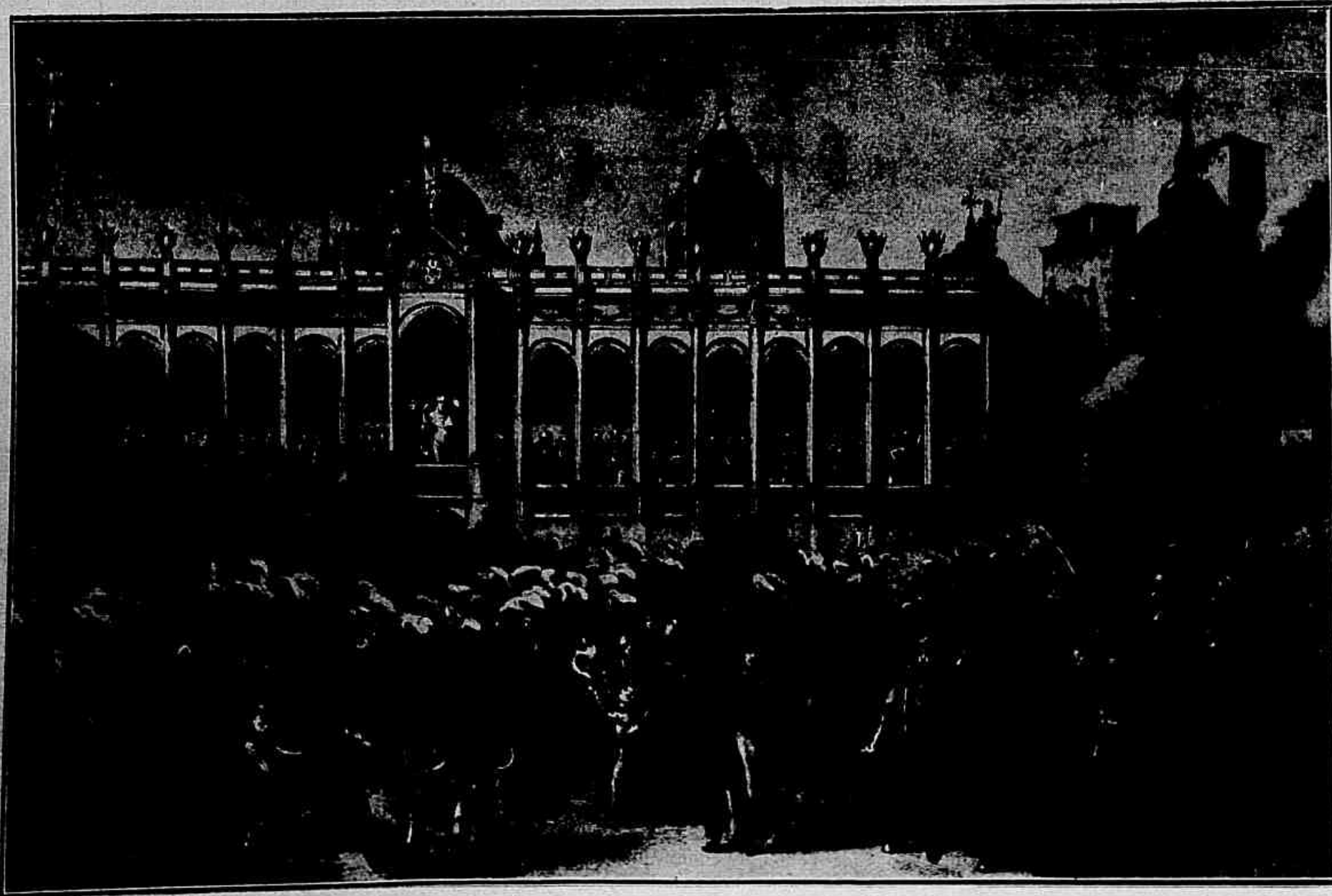
Explorar a presença dos dois Principes para fins politicos, sobre ser um procedimento anti-patriotico, collocaria o senhor Conde d'Eu e o Principe D. Pedro na posição intoleravel de dois hospedes que levam a sisania á familia que os hospeda. Seria fazer a maior injuria aos dois Principes admittir que elles approvam ou sequer consentem nessas explorações indecorosas. Acceitando o convite do governo da Republica para acompanharem num navio de guerra os restos mortaes de seus Sogros e Avós implicitamente elles confirmaram a renuncia a quaesquer pretenções, que aliás nunca tiveram, á corôa imperial. O senhor Conde d'Eu é o marido septuagenario da filha do Imperador deposto e fallecido, e os maiores titulos que o impõem á estima e ao respeito da sua patria adoptiva são os serviços prestados numa guerra longinqua, a correcção permanente do seu nobre procedimento e a leal fidelidade com que continuou a amar o Brasil Republica, como amara o Brasil Imperio. Quanto ao Principe D. Pedro, este não esperou pela revogação do banimento para resignar de quaesquer theoricos direitos em que o investiria a sua qualidade de primogenito. Visitando no palacio do Cattete o chefe eleito da Nação, ambos reconheceram o regime sustentado pela vontade soberana do povo brasileiro.

Amargurar a actual felicidade dos Exilados, ha trinta e um annos ausentes da Patria, envolvendo-os em questiunculas tendenciosas, tornando-os suspeitos de se prestarem a especulações politicas, seria praticar uma obra de malevolencia, em que nunca, de qualquer modo, esta Revista collaboraria.

A monarchia foi, no Brasil, apenas um ensaio geral para a Republica; e aquelles — não sabemos quem sejam — que porventura sonham com a restauração do Imperio, esses não passam de inoffensivos visionarios.

O delicto que se imputa á Revista da Semana é o de identificar-se com a quasi totalidade da população do Brasil na reverencia com que foram recebidos os despojos do Imperador e da Imperatriz. Este confessado delicto não nos atormenta a consciencia. O mesmo não diriamos se nos accusassem com razão de explorarmos o escandalo, a intriga e a calumnia, de affrontarmos a verdade com a mentira, de polluirmos reputações com o ridiculo, a injuria e o insulto, de commettermos a villania de diffamar mulheres e atear odios.

Nesta Revista não se insulta ninguem. Ampara-nos contra a calumnia e a intriga a consciencia da nossa correcção.

ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO VI — (6 de Fevereiro de 1818)

(Agua-forte por J. B. Debret).

Tendo fallecido em Março de 1816 a rainha D. Maria I, assumiu o principe D. João o titulo de rei do Reino unido de Portugal, Brazil e Algarves.

Só algum tempo depois se veio entretanto a realizar o acto da acclamação.

A 5 de Fevereiro de 1818 o Senado da Camara do Rio de Janeiro deu ao povo a noticia de que no dia seguinte seria effectuada esta solemnidade. Com grande pompa foi lido o bando ao rei e á familial real, e pelas esquinas das ruas se affixaram os annuncios convidando a população para geraes illuminações nas tres noites seguintes.

Raiou o dia 6 de Fevereiro. Finda a missa votiva cantada na Real Capella, começou a affluir enorme concorrencia de povo ao Terreiro do Paço (hoje Praça 15 de Novembro), em cujo centro fôra erguido um sumptuoso obelisco; do lado do mar estava erecto um templo grego, e na frente do chafariz se ostentava um bello arco de triumpho á romana.

Na frente da parte do palacio que fôra convento do Carmo, fôra armada uma varanda monumental, vistosamente decorada com tropheos, escudos e estatuas; foi alli que se apresentou ao povo D. João VI revestido de todas as suas insignias majestaticas. Tangeram então as charamelas, trombetas e atabales, irrompendo a multidão em vivas e applausos estrepitosos.

Depois da ceremonia do juramento segundo as prescripções da pragmatica, o rei dirigiu-se á capella, onde foi cantado solemne Te Deum pelos musicos da real camara sob a direcção do celebre compositor Marcos Portugal.

A' noite brilhantissimas illuminações em varios pontos da cidade, mas especialmente no Terreiro do Paço e no Passeio do Campo de Sant'Anna (hoje praça da Republica) puzeram termo a esta festa que excedeu em luzimento a tudo quanto se fizera até então no Rio de Janeiro.

Hearne levanta vôo rumo a Buenos Aires

Na sexta-feira, 28 de Janeiro, o aviador argentino partiu do campo dos Affonsos ás 5 ½ da manhã. A's 8 ½ aterrou em Santos para se prover de combustivel; ás 11,40 passava em Paranaguá; ás 13,20 em Florianopolis; ás 14 horas em Torres. O vôo vertiginoso foi interrompido a pouca distancia de Porto-Alegre, por desarranjo no motor. Depois as tempestades impediram Hearne de attingir Buenos Aires nas condições de velocidade em que pretendia.

A remodelação dos serviços sanitarios federaes

O illustre snr. dr. Carlos Chagas, director geral do Departamento Nacional da Saúde Publica, realisou nesta semana, no salão da Bibliotheca Nacional, a sua annunciada conferencia sobre a remodelação dos serviços sanitarios federaes. Autorisado scientista como é SS., investido do mais alto cargo de administração sanitaria do Paiz, a sua conferencia devia despertar como despertou a geral attenção do mundo medico e da sociedade brasileira, interessados todos vivamente pela obra de patriotismo que representa o saneamento do hinterland nacional e a defesa hygienica das nossas cidades.

Dr. Carlos Chagas

O autor do regulamento modelar que hoje possuimos, o grande continuador da obra de Oswaldo Cruz explicou, com o desassombro das grandes responsabilidades que lhe pesam sobre os hombros, que a hygiene publica no Brasil seria brevemente um facto, e que, ao par da educação social do homem brasileiro, deviamos cuidar tambem do saneamento do habitat, creando assim um meio apto aos trabalhos da producção intensiva. Na parte propriamente social do programma da defesa hygienica das nossas cidades e populações avulta a creação da Inspectoria de Prophylaxia da Tuberculose e a das molestias venereas, que procuram, obedecendo aos preceitos da sciencia experimental, combater dous dos maiores males sociaes contemporaneos: a peste branca e a syphilis. Apparelhado como está o Departamento Nacional de Saúde Publica para a completa extincção de fócos endemicos de febre amarella e mal levantino que ainda, infelizmente, persistem em certas cidades do Norte, iniciada como está a campanha do saneamento rural, instituido o serviço de medicamentos officiaes, completada a obra do Instituto de Medicina experimental de Manguinhos, inolvidavel creação de Oswaldo Cruz, tem o snr. dr. Carlos Chagas realizado uma das partes mais sérias do programma governamental do eminente snr. Epitacio Pessôa.

V. L.

O que falta ao Rio para ser a primeira cidade da America do Sul

Como prometteramos, abrimos as nossas columnas ás primeiras cartas recebidas sobre o assumpto palpitante, que interessa a todos os cariocas, dos melhoramentos da nossa capital.

« Sr. Redactor:

As minhas felicitações pela campanha que a Revista da Semana *inaugura em prol do* « Rio de Janeiro primeira cidade da America do Sul ». *Não faltarão os technicos e os esthetas, que trarão a essas columnas as luzes da sua competencia e do seu bom gosto, animando as disposições benemeritas do illustre Prefeito, em seu plano grandioso de melhoramentos. Usando da faculdade que a* Revista da Semana *dá aos seus leitores de contribuir com suas opiniões para este patriotico debate, pareceme util denunciar desde já dois dos problemas que exigem solução immediata, a saber:*

1.º — A transferencia para local mais apropriado da usina da City Improvements na praia da Gloria;

2.º — O descongestionamento da zona mais movimentada da Avenida Rio Branco, negociando com a Light outro percurso para os bondes que cruzam a Avenida nas ruas da Assembléa e Sete de Setembro, e que poderiam atravessal-a, a caminho do caes Pharoux, em ponto mais afastado da zona de maior movimento. Seria uma solução provisoria, emquanto o under-ground não resolvesse satisfactoriamente o problema.

O que não póde consentir-se sem descredito para a capital do Brasil é a conservação da City Improvements, com os miasmas empestando os ares, a cem metros da Avenida Rio Branco, em plena Avenida Beira Mar.

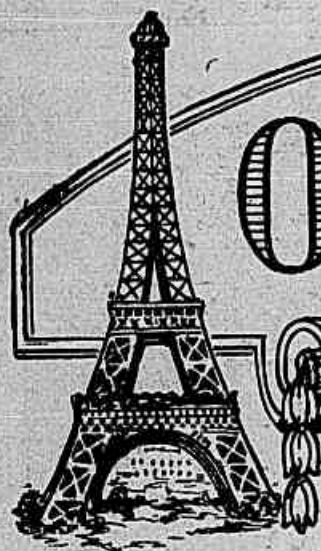
UM CONSTANTE LEITOR ».

« A DESMONTAGEM DO MORRO DO CASTELLO

Para que seja possivel escrever sobre o plano do sr. Carlos Sampaio, que nos promette a demolição do morro historico, seria preciso que a Prefeitura informasse a população do Rio de Janeiro acerca dos projectos — certamente já elaborados — a executar no local conquistado. Uma vez demolido o morro, o que se vae fazer na area correspondente á sua base? Que ruas, avenidas e praças vão substituir a collina historica? São questões preliminares. A Revista da Semana *prestaria um assignaladó serviço se obtivesse do sr. Carlos Sampaio declarações a respeito. Os terrenos do antigo Arsenal, reservados á exposição do Centenario, são por demais exiguos para semelhante emprehendimento. Espera o Governador da cidade amplial-os á custa do morro? Assim parece; mas salvo melhor juizo, e na mais optimista das hypotheses, o desmonte não poderá estar concluido até Setembro de 1922. Não deve tambem desprezar-se a forte corrente de opinião, sustentada pelo prestigioso vespertino* A Noite, *que encara sem sympathia o projecto de demolição e preferia vêl-o substituido por um projecto de embellezamento. Precisamos de saber, antes de mais nada, em que partido devemos enfileirar. A Prefeitura que elucide a opinião publica. Depois discutiremos.*

UM CARIOCA ».

A Revista da Semana *continuará publicando todas as communicações e alvitres que lhe sejam dirigidos. O illustre Prefeito terá á sua disposição as nossas paginas se entender conveniente e opportuno elucidar a população do Rio sobre seus projectos.*

Ao dr. João M. de Lacerda, por motivo do seu regresso da Europa, onde esteve commissionado pelo Ministerio da Agricultura [illegible] migos um almoço que se realisou na Confeitaria Paschoal, sabbado passado. Do agape foi offertante o dr. Fonseca Hermes, que na photographia se vê sentado ao lado direito do homenageado.

O MOMENTO INTERNACIONAL

Diante das cifras a que se elevam, segundo as contas da França, as reparações exigidas á Allemanha, ainda nenhum financeiro ou economista deixou de reconhecer, entre surprehendido e enfastiado, que tão pesada exigencia equivale á insolvencia e ruina allemãs. Como é possivel deixar de estranhar que a França, como reparação dos prejuizos soffridos nas regiões assoladas pela guerra, pretenda que se lhe pague o triplo do total da fortuna do povo allemão? Reputar os valores destruidos numa restricta zona da França em 221 biliões de marcos, quando toda a fortuna allemã, em 1914, era avaliada em 83 biliões, é uma operação brilhante, de deixar amarellos de inveja todos os usurarios israelitas. A França esqueceu a attitude da Europa para com ella depois da derrota de Napoleão. Os exercitos francezes, durante uma decada, assolaram a Europa, matando, saqueando, destruindo... heroicamente. A Europa não se lembrou, porém, de exigir da França a reparação dos damnos que ella causara aos povos continentaes. Em 1870, vencendo a guerra que Bismarck ateara, a Allemanha podia ter reduzido a França á escravidão financeira. Limitou-se a impôr uma indemnisação de guerra de cinco mil milhões de francos, tão accessivel ás posses da nação vencida que em vinte mezes a Allemanha credora estava paga; e a França, liberta de todos os onus, refazia-se mais depressa das ruinas da guerra do que a nação triamphante.

E' certo que, com a indemnisação, a Allemanha arrebatara á França a provincia de Alsacia, conquistada por Turenne (e que ainda em 1870 conservava a sua nomenclatura geographica allemã), e a provincia de Lorena, que fôra integrada no territorio francez como dote de Maria Leczinska, esposa de Luiz XV. Mas, como pelo tratado de Versailles as duas provincias hybridas reverteram á França, não temos senão a occupar-nos do quantum das indemnisações metallicas, em confronto com os infimos tributos de 1870, e da repercussão mundial que terá, dentro da esphera economica, a tentativa de execução dessa desmedida vingança — pois que se prolonga pelo praso de 42 annos e abrange gerações que nenhuma responsabilidade ou intervenção tiveram na guerra.

Para nós, o regime de servidão economica e financeira, que durante 42 annos a França impõe á Allemanha, vae repercutir profundamente na nossa economia interna. O antigo Imperio allemão ficará tão empobrecido que não mais poderá ser considerado um seguro mercado para os productos e as materias primas sul-americanas. O povo allemão não terá com que adquirir trigo e carne á Argentina e com que adquirir no Brasil o café, o cacau, o fumo, o algodão, o assucar, as sementes oleaginosas, os mineraes e os couros.

O Brasil perde o maior dos seus antigos clientes da Europa. Nenhum povo, a não ser, presentemente, o norte-americano, resistiria á cobrança (sem arruinar-se e sem converter-se num povo escravo) da somma fabulosa de 221 biliões de marcos, reclamada pela França. 221 biliões de marcos ouro são, em nossa moeda, ao cambio actual, qualquer cousa como duzentos e cincoenta milhões de contos — ou sejam duzentos e quarenta e cinco milhões mais do que a divida total do Brasil, com que pagámos, pode dizer-se, toda a nossa obra custosissima de civilisação material! Esses duzentos e cincoenta milhões de contos, rateados pela população do Brasil, avaliada em trinta milhões, tornaria cada brasileira devedor de 83 contos de réis! Cada allemão, homem valido, mulher, creança ou octogenario, fica devendo á França cêrca de 40 contos, no rateio dessa indemnisação gigantesca. A inflexibilidade dos calculos francezes é de tal maneira impressionante que uma das maiores auctoridades financeiras norte-americanas, o banqueiro Frank Vanderlip, declara, sem hesitar, que a Allemanha «nunca poderá pagar as indemnisações fixadas pelos alliados». Essa mesma é a impressão das imprensas italiana e ingleza.

O Tageblatt, de Berlim, commentando a cifra das reparações, escreve que os «calculos da Conferencia de Paris são tão destituidos de bom senso que não merecem a menor consideração. Tudo quanto á Allemanha resta agora fazer é simplesmente levantar os hombros e recusar-se a pagar, deixando aos alliados a liberdade de se irem apoderar, manu militari, dos haveres do povo allemão».

Acresce que, para tornar mais atroz o supplicio da Allemanha, decretado por 42 annos, ao passo que lhe reclamam annuidades que vão desde tres milhões de contos a seis milhões, tributam com 12 e meio por cento ad valorem as exportações allemãs de cada anno, difficultando á propria devedora os meios de convalescer do seu esgotamento economico, systematico, progressivo e inflexivel.

Como é que o bom senso britannico sanccionou esta oppressão?

Não é a primeira vez que a politica britannica lança mão deste recurso para collocar a França numa situação moral adequada á transigencia. Lloyd George sabe perfeitamente que as exigenci as da França são inexecutaveis.

As reuniões de Boulogne, de Spa e de Bruxellas esclareceram sufficientemente o problema das indemnisações.

Depois de um attento e demorado exame dos factos, os peritos alliados da Conferencia de Boulogne chegaram á conclusão de que a Allemanha poderia pagar, no maximo, cinco mil milhões de libras esterlinas (cem milhões de contos) num periodo maximo de 42 annos. Surge, agora, o sr. Paul Doumer, ministro das Finanças de França, e exige que a Allemanha pague 12 mil milhões, em vez dos 5 mil milhões fixados,.

Cançado de discutir com os srs. Briand e Doumer, sem conseguir pouco mais do que a desistencia das severas penalidades militares de occupação gradual do territorio allemão, concebidas pelo marechal Foch, e a dilatação do praso para o desarmamento dos corpos policiaes, o presidente do governo inglez appelou para a opinião publica universal, convencido de que os representantes do governo allemão, que terão de ir, dentro de 20 dias, a Londres discutir com os alliados as decisões tomadas, comparecerão á nova Conferencia com a força que lhes transmittirá a condemnação universal do conluio aterrador de Paris.

O baile á fantazia do Flamengo F. C. no salão da A. dos E. do Commercio

TRANSFORMAÇÃO DOS VESTIDOS VELHOS

O preço actual dos vestidos obriga-nos ás adaptações; alargam-se as bluzas, augmentam-se as mangas e descem-se as cinturas dos vestidos do anno passado. Damos dois modelos do anno passado e suas transformações para a moda actual.

N.º 1 — Este vestido em setim azul marinha era apenas guarnecido com uma renda no seu feitio primitivo: no actual tem as suas mangas alongadas com *voile* de seda do mesmo tom. Com o mesmo *voile* são guarnecidos os lados da saia, depois de supprimidos os *bouffants*. Uma faixa de setim alonga a cintura e estreitas fitas de setim enfeitam o vestido.

As grandes leis feministas

Não se póde negar que a mulher tenha sido posta em tutela pelas leis. Cousa assaz curiosa, na questão dos bens no casamento, quando commummente é a mulher que tem a bolsa do casal, o legislador mostrou-se para com ella tão desconfiado quanto tyranno.

Com effeito, ella não é senão uma mulher, que não póde dispor d'um vintem sem o consentimento do marido. Pelo menos assim foi até o fim do ultimo seculo. Afinal de contas, com raras excepções, antigamente a mulher justificava este papel pela incapacidade. Hoje a mulher é a gerente nata da familia. Suas vistas voltam-se principalmente para o detalhe, fazendo descer suas previsões até calcular vintem a vintem. Sem essas qualidades minuciosas, a fortuna da casa iria por agua abaixo. O marido sabe-o. E' quasi sempre nas mãos da esposa que entrega o dinheiro. E' a compensação da inferioridade que, por outro lado, lhe attribuem. No lar, o marido vê-se obrigado a attender as suas leis. Por menos que seja dissipador ou prodigo, este senhor absoluto dos bens da communidade será vencido, dominado por aquella a quem entregou a chave do cofre ou o segredo do bas de laine.

N.º 2 — Vestido de setim preto e gaze preta; do modelo antigo aproveita-se o corpo que, cortado por uma renda, fica com a cintura alongada. Da saia antiga de *gaze* cortada ao meio faz-se a frente e costas sobre uma saia de setim branco e do forro de setim preto os *panneaux* que caem dos lados.

Uma grande dama em Berlim 1914-1918

O jornal da princeza Blücher faz n'este momento as delicias da sociedade ingleza. Este livro, mais do que qualquer outro d'um escriptor profissional, é um acontecimento mundano que faz ha um mez o assumpto de todas as conversas. Tres edições foram esgotadas em poucos dias. Deve-se reconhecer que com seu encanto e ausencia de pretenção, contendo em cada linha a graciosa seducção d'um esclarecido espirito feminino, este livro nos dá sobre a guerra uma nota picante que falta nas acerbas memorias e nas demandas biliosas dos generaes vencidos. Naturalmente não contem sobre os acontecimentos do conflicto mundial revelação alguma importante, mas antes o que se pode esperar da conversação d'uma mulher intelligente: pequenos factos, impressões, anecdotas, quadros, estas mil cousas impalpaveis que passam desapercebidas dos historiadores e que entretanto dão colorido á historia.

Note-se que a autora, pertencendo á mais alta sociedade da Inglaterra e Allemanha, estava collocada para poder ver bem, e ver com acerto, sem preconceitos, toda uma face das cousas que nos é ainda imperfeitamente conhecida. Quantas vezes, durante a guerra, não pagariamos bem caro para poder dar uma vista d'olhos além das trincheiras e para saber o que se passava do outro lado da barricada!

N'este assumpto tão importante na maioria das vezes tinhamos de nos contentar com os testemunhos os mais suspeitos ou então viamos-nos reduzidos a interrogar pacientemente.

O desprezo pelo guarda-chuva

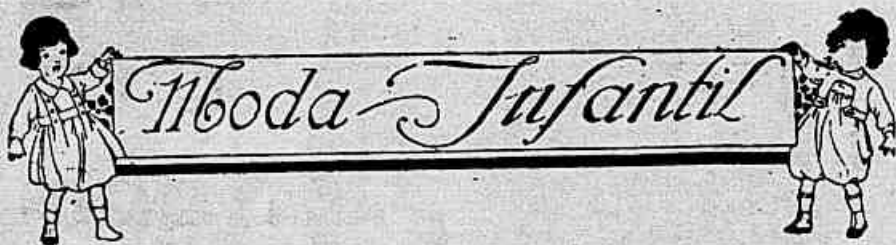
Um grande numero de rapazes da geração moderna affectam um supremo desprezo pelo guarda-chuva.

Para os fanaticos da vida ao ar livre, dos sports, *o guarda-chuva é o symbolo degradante da vida burgueza, sedentaria, molle, ignorando os esforços dos musculos, das* performances *e dos* records. *Elle é o attributo do crevé, o accessorio grotesco do* vieux papa.

E' portanto por uma especie de orgulho, muito mal empregado, que os jovens sportsmen *se fazem deliberadamente ensopar nos dias de chuva.*

Mas quando os vemos passar com as mãos nos bolsos, o chapeu todo imbebido d'agua, as roupas ensopadas, o rosto escorrendo agua, o sentimento que nos inspira não é justamente aquelle que espera o seu orgulho.

Elles desejam uma pequena admiração: e não temos para lhes offerecer senão uma affectuosa comiseração, porque pensamos:

Eis ahi um rapaz que só um desvio curioso do amor proprio incita a este pseudo-stoicismo... *Para não acceitar o prosaico socorro d'um tecido esticado sobre barbatanas arqueadas, como o commum dos mortaes, vae apanhar uma boa constipação ou uma boa bronchite e, doente como o vulgar, terá que se resignar ás cataplasmas e ás tisanas como todo o mundo.*

A moda infantil é menos variavel — felizmente! — que a das pessoas grandes.

E enganar-se-iam procurando modas complicadas para a infancia, que dá tanta graça ás coisas as mais simples; as côres claras, as formas racionaes são sempre o que lhe convem mais.

O que permitte a toda a mamãe geitosa (e que mulher o não é quando se trata de trabalhar para os seus pequeninos?) realizar ella mesmo e com economia vestidinhos encantadores.

O que domina, para as meninas, é ainda o vestido inteiro, simplesmente guarnecido de bordados simples ou de pespontos. O bordado mais usado é talvez o ponto de cadeia ou o ponto de alinhavo.

Quer dizer que é de facilima execução, mesmo para as menos habeis. As bainhas são tambem muitas vezes suprimidas e substituidas por um *festonné* ou *picot* recortando a barra do vestido.

Para as meninas de oito a dez annos o modelo mais usado é o do corpo direito indo até as cadeiras preso n'uma saia plissada.

N.º 1 — Vestido de linho branco, saia de pregas. Bordado com *soutache* azul.

N.º 2 — Vestidinho de filó bordado, guarnecido com fitas côr de rosa, *choux* da mesma fita imitando rosas terminam e prendem a fita na barra do vestido.

Pratos estrangeiros

Os italianos podem viver unicamente com pão e sopa, servido n'um prato especial que chamam a minestrone. *O estufado irlandez é um prato delicioso.*

No Oriente os legumes são usados frequentemente: um recheio muito appetitoso, que constitue o principal alimento dos habitantes d'esse parte do mundo, chama-se dolma *e prepara-se com carne de carneiro, banha, arroz, cebolas, cheiros e agua. Os orientaes usam este preparo para rechear alface e outros legumes.*

Os chins comem bem o seu chop-sney cujo unico acompanhamento é um prato de arroz.

O goulash dos hungaros e o pilef dos turcos são muito conhecidos.

MENU

SOPA DE ERVILHAS
PEIXE RECHEIADO
CHOP-SNEY Á AMERICANA
ARROZ
POMBOS FRITOS
SALADA DE ALFACE
PUDIM DE VINHO
BOLINHOS DE LEITE DE CÔCO

SOPA DE ERVILHAS

Põe-se as ervilhas de molho, e depois vão ao fogo a cozinhar até desmanchar: a polpa passa-se então em uma peneira e junta-se ao caldo de carne de vacca bem temperado.

Torram-se quadradinhos de pão que se passam na frigideira com manteiga e põe-se na sopeira só na hora de servir.

PEIXE RECHEIADO

Depois do peixe bem limpo põe-se de môlho em caldo de limão, sal e uma pitada de pimenta.

Faz-se o recheio de camarões cozidos, socados, e tempera-se com cebola, tomates e salsa.

Depois de refogados, tira-se do fogo a panella e vira-se com farinha de mandioca e uma colher de manteiga.

Recheia-se o peixe e vae ao forno para assal-o em azeite ou em gordura.

CHOP-SNEY A' AMERICANA

2 cebolas regulares cortadas em rodelas finas, 1 chicara de raizes de aipo picadinho, 1 chicara cheia de champignons, meia libra de carne de porco picada, 1 chicara de arroz crú, 2 colherinhas de sal, 2 chicaras de caldo. Cozinha-se as cebolas, junta-se o aipo, os champignons e a pimenta, cozinha-se por cinco minutos: depois junta-se o resto dos ingredientes e tampa-se a panella. Deixa-se cozinhar de 30 a 40 minutos.

Se os champignons são de lata devem ser postos na panella só 10 minutos antes de se tirar a panella do fogo.

POMBOS FRITOS

Cortam-se os pombos ao meio: depois de limpos achatam-se com o batedor de bifes. Ponham-se em sumo de limão, sal, alho pisado e deixem-se neste molho durante 4 horas.

Passa-se pedaço por pedaço em farinha de trigo e depois em gemmas de ovos: torna-se a passar em farinha e assa-se em gordura quente, embrulhados em papel branco, grosso, untado com manteiga, virando-se diversas vezes para não queimar.

Serve se com salada de alface.

PUDIM DE VINHO

1 calice de vinho do Porto.
1 copo de leite.
18 gemmas.
2 claras.
1 fava de baunilha.
1 limão.

Misturam-se as gemmas com as claras batidas, o leite, o milho, assucar, quanto adoce, a baunilha e um pouco de casca de limão verde, ralado.

Ponha-se em forma untada com manteiga para assar no forno e untada com calda queimada para assar em banho-Maria.

BOLINHOS DE LEITE DE COCO

5 colheres de farinha de arroz.
1 chicara de leite de coco.
2 ovos inteiros.
2 gemmas.
1 colher de manteiga.
5 colheres de assucar.

Bate-se tudo muito bem e vae ao forno em forminhas untadas com manteiga.

Conselhos Praticos

Limpeza das cadeiras de couro e de bambú

Para refrescar o couro das cadeiras e de outros moveis ou objectos, esfrega-se com uma clara de ovo bem batida.

As cadeiras de bambú limpam-se assim: tira-se primeiro a poeira, depois lava-se com agua quente e põe-se para seccar ao ar livre na sombra. Deve-se escolher um dia bonito. Os bambús se esticarão, ficarão como novos e durarão mais tempo.

Limpeza dos objectos em zinco

A agua na qual esteve de môlho o bacalhâu é muito boa para limpar o zinco.

Ou então prepara-se esta mistura: uma parte de acido sulfurico e duas d'agua. Mergulha-se durante alguns segundos o objecto n'esse liquido; de-

Costuras e Bordados

ALMOFADAS NORMANDAS

N.º 1 — Almofada em velludo roxo, applicações em seda branca e seda azul marinha, com salpicos brancos para a bluza.
N.º 2 — Almofada em veludo azul marinha, applicações de seda branca e verde.

Sr. J. Ursini Junior

Diamantina (Minas) 28 de Março de 1913.

Ill.mos Sn.rs Viuva Silveira & Filho—Rio.

Tendo usado o *Elixir de Nogueira* para um rheumatismo chronico, na perna direita, tive a felicidade de me vêr radicalmente curado, apenas com 1 só vidro.

Agradecendo-lhes como inventores de tão santo medicamento, não posso deixar de recommendal-o a todos os que soffrem desse mal.

Junto a minha photographia para ser publicada na vossa secção *O Elixir de Nogueira*, como a maior prova de minha sympathia por esse medicamento.

De V.V. S.S.
Amo. Atto. e Creado
J. Ursini Junior

pois esfrega-se com um panno. Terceira receita; agua, sesenta partes; acido nitrico, dez (em peso). Applica-se sobre o zinco com um um pincel grande ou com um trapo enrolado e fixado na ponta de um páu. No dia seguinte, lava-se em agua pura.

Limpeza dos bronzes dourados

Lavam-se os bronzes com uma esponja imbebida em bastante agua; passa-se em seguida sobre o objecto um pincel molhado na seguinte mistura:

Agua	60 gr.
Acido azotico	15 gr.
Pedra hume	2 gr.

Faz-se seccar ao sol ou perto do fogo.

Para os limpar do sujo de moscas faz-se a seguinte mistura:

Oleo de alfazema	4 gr.
Alcool	27 gr.
Agua	14 gr.

Emprega-se uma esponja macia, esfrega-se um pouco e opera-se rapidamente.

Um pouco de espuma de sabão ou uma agua amoniacal limpa as estatuas e os ornamentos de bronze, nas linhas finas, nas quaes a poeira se acumulou por falta de frequentes escovadelas.

PRECEITOS DE HYGIENE

A anemia

As causas da anemia são o rapido crescimento com alimentação insuficiente; falta de ar livre e puro, e de sol; descuido nas desordens intestinaes, consequencias de molestias agudas, herança nas creanças que nascem de mães fracas. O tratamento consiste em muitos cuidados; deve-se dar na creança um banho frio de esponja, d'um minuto, cada manhã; deve tomar oleo de figado de bacalháu. A alimentação deve ser regularizada e consistir principalmente em succo de carne, ovos, leite.

Proporcionar-lhe sempre a quantidade de ar puro que necessita dando-se especial attenção a que o quarto no qual dorme a creança tenha suficiente ventilação.

Os que pensam

O passado é um abysmo que absorve todas as coisas e o futuro é um outro abysmo, mais impenetravel.

NICOLE

Emquanto não se souber utilisar convenientemente as faculdades intellectuaes da mocidade, a humanidade progredirá muito lentamente.

O trabalho traz atraz de si o conforto, a abundancia e a consideração.

FRANKLIN

Deve-se deixar as pessoas serem felizes ao seu geito.

COMTESSE POTOCKA

A palavra de um homem de bem deve ter toda a autoridade de um juramento.

Consultorio da Mulher

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do Dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre os tratamentos da pelle e do cabello e hygiene da mulher. — Dirigir correspondencia para a rua Paysandú, 111. Rio de Janeiro.

LYDIA GOMES — *O* Rouge Liquido Poziomka *é inoffensivo, de uma fixidez absoluta e pode graduar-se á vontade. Não posso aconselhal-a a alterar a côr natural do seu cabello, mas se insistir em fazel-o deve ter o maximo cuidado. Na sua maioria, as Tinturas contêm nitrato de prata, que destróe o cabello, provoca cephalagias e perturbações visuaes graves. A minha* Tintura Vegetal Liquida *pode ser usada sem receio. Para fortificar o seu cabello deverá lavar a cabeça, semanalmente, com* Shampoo-Powder, *friccionando-a diariamente com o* Tonico n.º 9. *Humedeça suas mãos algumas vezes ao dia com* Loção Adstringente, *e ao deitar-se com a* Loção de Embellezar a Pelle. *Assim as conservará brancas e macias.*

SEREIA — *Substitua a Agua de Colonia, que secca a cutis, por uma colher de* Tonico da Pelle *na agua em que lava o rosto. Obterá uma agua perfumada e com qualidades therapeuticas, tonificantes e refrigerantes.*

MELINDROSA — *O uso de* Crêmes *como fixativo do* Pó de Arroz, *principalmente no verão, é uma barbaridade. A acção da transpiração sobre o* Crême *torna-o o mais nocivo para a saude da cutis e um excellente campo de cultura para os cravos e espinhas. O fixativo hygienico do* Pó de Arroz *é a* Loção Adstringente.

SELDA MARIA — *O alcool não substitue o* Tonico da Pelle. *A sua acção seccativa não é benefica para a pelle. Não ha inconveniente em que simultaneamente com o tratamento da pelle tome banhos de mar.*

Aconselho-a a applicar todas as noites a Loção de Embellezar a Pelle, *humedecendo ligeiramente o rosto com esta* Loção.

MARTHA (Petropolis) — *Não é possivel conservar a hygiene do cabello sem a lavagem periodica da cabeça. Mas não se deve lavar a cabeça com sabonete ou qualquer preparado em cuja composição entrem o alcatrão e a soda caustica. O* Shampoo Powder *é o unico preparado que limpa efficazmente o cabello, que desagrega a caspa, que remove todas as impurezas do couro cabelludo. O cabello lavado com o* Shampoo-Powder *fica solto, macio e perfumado. Se o seu cabello cahe é devido, talvez, a um tratamento errado. Lave a sua cabeça, de 8 em 8 dias, com o* Shampoo-Powder *e friccione-a diariamente com o* Tonico n.º 9, *e a sua caspa desapparecerá e não mais lhe cahirá o cabello.*

PAULISTA — *A minha* Tintura Vegetal Liquida *não contem nenhuma substancia toxica. Pelo contrario, a sua acção sobre o cabello é tonificante. A saúde do cabello nada soffre com a applicação, e até se fortifica. O modo de applicar é relativamente facil, muito menos incommodo que o Henné em pó. Encontra no prospecto de meus preparados as instrucções necessarias á sua applicação. Deve escolher a côr do seu cabello. Para que alteral-a? Se os seus cabellos são castanhos, applique a* Tintura *castanha. Se, porém, são quasi pretos, pode applicar sem inconveniente a* Tintura *preta.*

VÉRA DE C. X. — *A cutis de uma creança é extremamente sensivel. Não deve expôl-a ao contacto de sabonetes industriaes, que conteem gordura animal e soda caustica. O* Sylkale *— tantas vezes o tenho dito — não é um sabonete de luxo, apenas, mas um verdadeiro sabonete medicinal, composto com substancias as mais finas. O* Sylkale *não alimenta e não desenvolve a pennugem do rosto. Elle amacia a pelle, conserva-a clara e saudavel, preserva-a de pontos pretos e cravos.*

DELMIRA — *A* Loção Adstringente *corrige a acção damnificadora do calor e da transpiração. Ella refresca e tonifica a cutis, contrahe os poros dilatados, limpa todas as impurezas accumuladas nos poros e anfractuosidades minusculas e invisiveis da pelle. Sempre que volte a casa de um passeio ao ar livre, limpe o seu rosto com um pouco de algodão embebido na* Loção Adstringente. *Adopte-a tambem como fixativo do* Pó de Arroz, *e conservará a sua pelle fresca e clara.*

MME. B. S. LOPES — *O* Poziomka *é um rouge vegetal liquido, de uma fixidez absoluta, resistindo á transpiração. Ao contrario de quasi todos os rouges solidos, de base gordurosa, elle não mancha nem damnifica a pelle. Tem ainda a vantagem de poder graduar-se á vontade, transmittindo ao rosto um colorido natural.*

MARGARIDA — *Applique a* Loção dos Cravos. *Para amaciar o cabello o* Tonico n.º 10.

SELDA POTOCKA.

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

JONATHAS COELHO *(S. Paulo) — Trata-se de um caso de gengivite dos fumantes.*

Deve abster-se do uso do tabaco por alguns dias e fazer a antisepcia geral da bocca. Complete o tratamento com bochechos, trez vezes ao dia, com uma solução de agua oxygenada a 10 por 100.

MARIA LUIZA *(Pará) — Não podemos receitar drogas de uso interno.*

O Departamento Geral da Saúde Publica prohibe.

Dirija-se, caso o queira, ao Dr. Veiga Lima — Consultorio Medico da Revista da Semana.

ANTONIETA CAMARGO *(Rio) — Acho conveniente levar sua filha ao dentista para extrahir as raizes.*

Para afastar o máo halito proveniente da fermentação dos detrictos alimentares que se accumulam nas cavidades cariadas, basta fazer a hygiene buccal após as refeições.

MARIA CERQUEIRA *(Sergipe) — Os dentes posteriores devem merecer maiores cuidados nossos do que os anteriores. A posição que occupam e a forma occultam com facilidade a carie dentaria e facilitam a permanencia de detrictos alimentares que, fermentados, são um dos factores, cremos, da destruição dos dentes.*

JULIETA GUIMARÃES *(Copacabana-Rio) — Até hoje não chegaram as informações pedidas.*

DARIO X. X. — *(Paraná) Deve, com urgencia, procurar seu dentista.*

NARCISO III *(E. do Rio) — Experimente as injecções preparadas no Laboratorio Silva Araujo. Temos usado com resultados satisfactorios.*

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser dirigida ao consultorio do cirurgião-dentista Alexandrino Agra, á rua da Carioca, 10 — 1.º andar.

Consultorio medico

A. L. K. (Copacabana). *Sciente. Procure-nos para exame. O seu caso merece attenção.*

ESTUDANTE (S. Paulo) — *Agradeço as amaveis expressões. Realmente se confunde muito a spirochetose com as outras formas da ictericia infecciosa. A fórma que refere talvez tenha por substracto anatomico a atrophia amarella aguda do figado e não é devida ao spirochéte de Inada. Sempre ás ordens.*

X. X. (Rio) — *Venha á consulta. E' sempre indispensavel o exame do sangue.*

BITTENCOURT (Rio) — *Recommendo-lhe injecções de sulphydrargyrio e uma estação em Poços de Caldas. Não se impressione com as manifestações cutaneas tão vivas. A fórma é benigna e a cura certa.*

SYLVIO SOUZA (Rio) — *A fórma mais conhecida é a que o Sr. se refere: a oculo-lethargica. Ha outras variedades: algomyoclonica, delirante, choreica. Sim, pouco contagiosa. Tratamento conhecido de encephalite lethargica? Abcessos de fixação, urotropina e infuso de jaborandi. Quando a pressão baixa emprega-se a adrenalina.*

MME. VIOLETA (S. Paulo) — *Experimente o Soro Hormonico de Vital Brasil. Tenho empregado sempre com successo.*

IMPERIAL (Rio) — *Nos casos de epilepsia vera emprego o luminal ou a injecção sub-cutanea de luminal-natrium 0,40 centgs., repetida a injecção no mesmo dia no caso de urgencia. Nem todos os epilepticos reagem favoravelmente ao luminal. E' o unico tratamento que emprego quando ha indicação.*

PAPILLON (Rio) — *A pigmentação cutanea em manchas e em placas a que se refere deve ser uma leukopathia — ou vitiligo — de origem congenita ou syphilitica. Faça a reacção de Wassermann.*

A. B. C. (E. do Rio) — *O tratamento da asthma varia conforme o caso clinico. Costumo empregar o tratamento adrenalino-hypophiscrio, segundo o methodo de Bensaúde. Os resultados são favoraveis. Venha á consulta.*

DR. VEIGA LIMA.

N. B. — Toda correspondencia deve ser dirigida ao Dr. Veiga Lima — Consultorio 5 — Rua Uruguyana 1º. andar — Rio de Janeiro.

C·E·A

??...

Será o spiritismo uma verdade?

Que diz a sciencia experimental sobre os phenomenos mediumnicos?

Quanto deve o Brazil?

Quanto deve cada Brazileiro?

Quantos homens pode o Brazil mobilisar em pé de guerra?

Como acabará o mundo?

A todas essas interrogações responde o

ALMANACH EU SEI TUDO

O Almanach EU SEI TUDO será o memento de consulta indispensavel em todos os lares. Nos mais elegantes como nos mais modestos.

Preço para todo o Brasil 5$000

Pedidos á Companhia Editora Americana

Praç Olavo Bilac 12 — RIO DE JANEIRO

Off. Graph. Aureliano Machado &